



**UNIVERSIDADE FRANCISCANA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE HISTÓRIA**

ANDRÉ AMARAL DE VARGAS

**UMA RELIGIÃO NOS QUINTAIS DE NOSSAS CASAS: O DEBATE SOBRE AS
RAÍZES AFRICANAS E O MITO FUNDADOR DA UMBANDA**

Santa Maria RS

2020

ANDRÉ AMARAL DE VARGAS

**UMA RELIGIÃO NOS QUINTAIS DE NOSSAS CASAS: O DEBATE SOBRE AS
RAÍZES AFRICANAS E O MITO FUNDADOR DA UMBANDA**

**Trabalho Final de Graduação (TFG)
apresentado ao curso de História –
Área de Ciências Humanas da
Universidade Franciscana – UFN, tendo
como requisito parcial para a obtenção
do título de Licenciado em História.**

**Orientador: Prof. Dr. Leonardo Guedes
Henn**

Santa Maria, RS
2020

ANDRÉ AMARAL DE VARGAS

**UMA RELIGIÃO NOS QUINTAIS DE NOSSAS CASAS: O DEBATE SOBRE AS
RAÍZES AFRICANAS E O MITO FUNDADOR DA UMBANDA**

**Trabalho Final de Graduação
apresentado ao Curso de História –
Área de Ciências Humanas,
Universidade Franciscana - UFN, como
requisito parcial para a obtenção do
título de licenciado em História.**

_____, ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Leonardo Guedes Henn – Orientador

Universidade Franciscana

Prof^a. Me. Janaina Souza Teixeira – Banca

Universidade Franciscana

Prof^a. Me. Stéfani Martins Fernandes – Banca

Dedico este trabalho aos meus padrinhos, que não estão mais nesse plano físico, José Oliveira e Zenir Aires de Oliveira. Padrinhos estes que me ensinaram a amar e a respeitar a religião de Umbanda. Ao Seo Tata Caveira, ao preto velho Pai Benedito, ao Cigano Rodolfo, a Seu Zé Pelintra, ao Caboclo Sete Flechas, a Ogum Megê e ao Cosme Zéquinha. Dedico ainda à minha mãe, Maria Ester, que é a pessoa mais incrível que eu já conheci nessa vida, aos meus filhos Matheus, Ana Luiza e Aurora e à minha irmã Amanda.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Maria Ester, que sempre me apoiou em minhas decisões, que me mostrou o valor das coisas simples e o amor incondicional, que me deu o que de mais valioso eu possuo, minha vida. Seus ensinamentos eu sempre irei carregar comigo não importa por onde eu andar. Sempre foi um exemplo de mãe, mulher e amiga. Nunca deixou que as dificuldades que a vida lhe impôs, a atrapalhassem de ser um ser iluminado. À minha irmã, Amanda Amaral de Vargas, que sempre esteve ao meu lado, me defendendo até mesmo sem eu saber, que sempre me aconselhou a nunca desistir e sempre tentou me mostrar algum caminho para superar as dificuldades nessa vida.

A todas as pessoas que estão e estiveram ao meu lado desde o início de minha jornada espiritual. Agradeço a todos que me ensinaram os valores de uma vida dedicada às relações espirituais. Aos meus padrinhos, à diretora espiritual e aos irmãos de corrente que estiveram ao meu lado e aos que ainda estão durante a trajetória que eu tracei e que me levou à abertura de um terreiro de Umbanda.

Aos filhos de religião, especialmente ao Thiago Santos, que nunca deixou de ser honesto comigo e me acompanha em minha caminhada como sacerdote. Sempre dedicado e prestes a atender a quem seja sem questionar. Tornou-se mais que apenas um filho, mas sim um grande amigo com quem eu posso contar a qualquer hora.

Agradeço às entidades que me acompanham desde minha chegada nesse plano espiritual. Em especial, ao Seo Tata Caveira, que sempre esteve ao meu lado, mesmo quando eu não sabia por onde caminhar, sempre foi considerado por mim muito mais que uma entidade, sempre foi um amigo e confidente que eu posso confiar em qualquer momento de minha vida. Ao Cigano Rodolfo, que me ensinou o valor das tradições ciganas e me mostrou, com pulso firme, como aquele que sabe manejar um punhal, que a vida deve ser vivida de maneira a não prejudicar os outros. A Seu Zé Pelitra, amigo de todos que o conhecem. Mesmo que eu caísse nas armadilhas da vida, ele sempre teve um bom conselho e sempre mostrou uma maneira de se apreciar a vida e me ensinou que, por mais difícil que as coisas são, nunca devemos desistir.

Ao Caboco das sete Encruzilhadas e ao Pai Ogum Megê, que me guiaram aos ensinamentos das práticas umbandistas na direção da caridade, da paz e do

amor. Ao meu querido Preto Velho Pai Benedito, que com toda a sua humildade soube me ensinar o valor da fé e do amor incondicional e que jamais devemos deixar ninguém sem auxílio, tanto material quanto espiritual. Ao Cosme Zéquinha que me ensinou que, mesmo crescendo e me tornando adulto, jamais devo esquecer de minha essência infantil.

Aos meus professores e amigos que encontrei na vida acadêmica, em especial a Prof^a. Roselaine Casanova, que me questionou fazendo com que eu repensasse os meus conhecimentos prévios sobre a religião de Umbanda, e ao Prof. Leonardo Guedes Henn, que sempre demonstrou enorme paciência e disposição em me auxiliar, não importando qual o momento. E aos professores Janaina Teixeira, Nikelen Winter e Odilon Machado que me instigaram à buscar por mais conhecimento e me fizeram compreender que sempre posso melhorar naquilo que faço.

À Miriam Maciel, minha companheira de jornada e noites mal dormidas, que está sempre ali, ao meu lado, como cúmplice dos momentos que, muitas vezes, atordoam os sentidos e nos fazem desacreditar de nosso objetivo. Aprendendo e vivendo nas turbulências da vida, vamos crescendo, lado a lado, e sobrepujando as dificuldades para que possamos nos agraciar com a lucidez de nossos encontros.

*Com os espíritos mais evoluídos
aprenderemos! Aos espíritos menos
evoluídos ensinaremos. E a nenhum
espírito renegaremos!*

(Caboclo Das Sete Encruzilhadas)

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de investigar os debates a respeito das considerações sobre a matriz africana na Umbanda, a partir do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, que aconteceu em 1941, e o Segundo Congresso, em 1961. No decorrer do trabalho são discutidos a origem da Umbanda e o mito fundador (marco inicial da Umbanda), as organizações das federações e a ausência do nome de Zélio de Moraes no Primeiro Congresso de 1941, a formação e organização do movimento umbandista de cunho kardecista e a oposição dos adeptos com fortes relações com as raízes africanas. Partindo de um levantamento bibliográfico de historiadores, antropólogos, sociólogos e cientistas da religião, esta pesquisa configura-se como qualitativa. Mediante as leituras, pesquisas e escritas sobre a religião de Umbanda, não encontramos nenhum elemento que possa designar a religião umbandista como uma única forma de culto, mas sim uma forma de múltiplas Umbandas.

Palavras-chave: Mito fundador; primeiro congresso de Umbanda; raízes africanistas; Umbanda.

ABSTRACT

This work aims to investigate the debates regarding the considerations about the African matrix in Umbanda from the First Congress of Spiritism of Umbanda do Brasil in 1941 and the Second Congress in 1961. During the work, the origin of Umbanda and the founding myth (Umbanda's initial milestone), the organizations of the federations and the absence of the name of Zélio de Moraes at the First Congress of 1941, the formation and organization of the Kardecist Umbanda movement and the opposition of the supporters with strong relations with their roots African. Based on a bibliographic survey of historians, anthropologists, sociologists and religious scientists, this research is configured as qualitative. Through the readings, research and writings on the Umbanda religion, we found no element that could designate the Umbanda religion as a single form of worship, but rather a form of multiple Umbanda.

Keywords: Africanist roots; first Umbanda Congresso; founding myth; Umbanda.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. O CONTEXTO URBANO BRASILEIRO NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O XX E O UNIVERSO SINCRÉTICO AFRO BRASILEIRO	16
2.1 A Transformação dos Símbolos Afros Na Sociedade Brasileira.....	16
2.2 O Sincretismo dos Deuses Africanos e os Santos Católicos.....	19
2.3 Novas Famílias, Novas Formas de Religiosidade	21
2.4 Outras Formas de Sincretismo no Brasil.....	22
2.5 A Cabula e as Macumbas Cariocas	24
3. MITO E EXPANSÃO DO UNIVERSO UMBANDISTA.....	27
3.1 Zélio de Moraes e o Mito Umbandista.....	27
3.1.1 O Mito Fundador	30
4. AS TENDAS MESTRAS, BENJAMIN FIGUEIREDO E A PRIMEIRA FEDERAÇÃO	36
4.1 As Tendas de Umbanda.....	36
4.2 As Primeiras Tendas de Umbanda.....	36
4.3 Benjamim Figueiredo e o Caboclo Mirim.....	40
4.4 A Primeira Federação.....	43
5. A LEGITIMAÇÃO DA UMBANDA E O PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA DE 1941	46
5.1 O Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda de 1941	47
5.2 O Debate do Primeiro Congresso (1941) Sobre a Matriz Africana na Umbanda	49
5.3 As federações e o II Congresso	54
5.3.1 As federações	54
5.3.2 O Segundo Congresso 1961	57
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
REFERÊNCIAS.....	62

1. INTRODUÇÃO

O Brasil é um país miscigenado, onde cada região adquiriu elementos culturais próprios que caracterizam a natureza de seus habitantes. Essas características moldam seu estilo de vida, sua linguagem, seus símbolos e até mesmo a maneira de cultuar a religião da qual são adeptos. Desta maneira, o Brasil se tornou um país de multiplicidade cultural.

Meus primeiros passos em solo umbandista, se deram ainda quando criança, acompanhando meus pais em festas de Cosme e Damião. Lembro-me que eram festas com muitos balões, doces, guaraná e alegria, mas na época não entendia o significado de todos aqueles festejos. Em minha adolescência, passei por momentos difíceis no seio familiar, até que, em um certo momento, manifestei minha mediunidade. Sem sequer saber o que estava acontecendo, fui tomado por uma força e incorporei, pela primeira vez, o exu Tata Caveira, que ao longo dessa jornada, ao meu lado, tornou-se meu melhor amigo.

Somente após seis meses fui buscar auxílio de um terreiro de Umbanda, conhecido na região onde eu morava, o nome era “Centro Espírita de Umbanda Caboclo Ubirajara”, de José Oliveira e Zenir Oliveira, diretores espirituais que logo tornaram-se meus padrinhos. Lembro de escutar dos membros mais velhos histórias sobre as proibições e casos de intolerância, de como era difícil manifestar sua religiosidade sem que fossem julgados por pessoas de fora da religião. Admito que, no começo, não me questioneei quanto ao fato do terreiro carregar em sua fachada o nome de “Centro Espírita”. Entretanto, com o tempo, descobri que devia ser registrado assim que se registrava um terreiro, para que fosse visto com olhos um pouco menos preconceituosos.

Com o passar dos anos, minha caminhada mudou e ingressei em outro terreiro, o “Reino de Ogum Beira Mar e Iemanjá”, da dirigente espiritual Andréia Fernandes. Foi durante os trabalhos, ao longo de 17 anos, nesse mesmo terreiro, que recebi a responsabilidade de abrir o meu próprio, designado de “Terreiro de Umbanda Pai Benedito e Seo Tata Caveira”. Então, me filiei a um órgão federativo, Liga Espiritualista de Umbanda e Cultos Afros-Brasileiros (LEUCAB), presidida pelo senhor Gallagher Victor Siqueira, para poder desfrutar de uma legalidade e proteção jurídica, se assim fosse preciso. Foi durante essa caminhada que percebi, no meio umbandista, que havia distinção entre os membros. Essa percepção se deu através

da escuta de falas como: “eles estão fazendo errado em tal lugar”, “aqui no meu terreiro as cores das guias não são essas”, “onde se viu um Preto Velho trabalhar de tal maneira que não seja da mesma que na minha casa¹”. Isso sempre me trouxe questionamentos e me estimularam a fazer pesquisas, por conta própria, sobre o surgimento da Umbanda e porquê havia tal separação e um certo preconceito entre os próprios membros da religião.

Jamais esquecerei o primeiro dia que coloquei meus pés na UFN, na época se chamava UNIFRA, e fui conversar com a coordenadora Roselaine Casanova. Lembro de seu olhar, por cima dos óculos, e de me perguntar se eu sabia tudo sobre a minha religião. Respondi que sabia tudo o que eu fazia dentro do meu terreiro, ela repetiu o questionamento, por mais duas vezes, e eu respondi com as mesmas palavras. Essa pergunta me acompanhou desde então, e a cada livro que eu lia a respeito da Umbanda, via o quanto ainda tinha a aprender sobre a religião que pratico.

Se no início da minha jornada acadêmica eu tinha questionamentos quanto à religião, após realizar esta pesquisa possuo muitos outros. Minhas experiências dentro da religião de Umbanda, bem como os estudos sobre esta temática, no ambiente acadêmico, me fizeram aprofundar pesquisas sobre as origens, não somente da Umbanda, mas do povo brasileiro como um todo.

Nesta perspectiva, considero importante ressaltar que o povo africano foi arrancado de seu lar e trazido para terras brasileiras como mercadoria. Foi humilhado e levado aos mais horríveis tormentos da alma humana. Foram torturados, arrancados de suas famílias, de suas terras e, se não bastasse, seus algozes tentaram roubar sua fé, fragmentando seu universo.

Porém, o africano mostrou-se mais forte que qualquer tormento imposto por seus executores. Os africanos escravizados reuniram-se, mesclando seus conhecimentos e suas práticas religiosas. Foram obrigados a cultuar santos desconhecidos e um deus do qual não haviam ouvido falar em sua terra. Entretanto, em meio a esse turbilhão de crueldade, acharam uma maneira de manter vivas suas tradições e cultuar seus deuses, caracterizados, naquele contexto, com rostos brancos, mas com uma essência negra.

¹ Casa, termo usado pelos membros e adeptos da umbanda para designar o terreiro onde frequenta.

A Umbanda originou-se em meio a um processo de transformações, ocorridas na sociedade brasileira do início do século XX. Trazendo como sua principal essência a simplicidade dos Pretos Velhos, espíritos de negros escravos e ex-escravos, que baixavam² (e continuam baixando) nos terreiros para trazerem esperança, carinho e a humildade de seres de graus elevados do mundo espiritual. O que contradiz as afirmações de muitos umbandistas e não umbandistas do século XX, que tentaram justificar e desqualificar qualquer seguimento africanista dentro da religião de Umbanda, descaracterizando o que, ao nosso ver, é a essência primordial da religião.

Na tentativa de fugir da repressão policial, discriminação social e, até mesmo, da represália de outras instituições religiosas, os primeiros umbandistas organizaram-se em busca da legalidade para suas tendas, cabanas ou terreiros. Foi com a intenção de proteger os umbandistas que o Caboclo das Sete Encruzilhadas, através do médium Zélio de Moraes, orientou seus seguidores na construção do primeiro órgão federativo, em 1939.

Esse mesmo órgão federativo, organizou e apresentou em 1941 o Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, no intuito de estudar, codificar e buscar uma identidade própria para a religião de Umbanda. O teor de suas afirmações sobre o universo umbandista, pautadas nas falas de seus congressistas, representaram uma tentativa de desqualificar a presença de elementos de cunho africanista no interior das práticas litúrgicas da Umbanda. O Primeiro Congresso de Umbanda apresentou um forte sentimento de separação com o que era designado como “magia negra” e “baixo espiritismo”. Em meio a isso, Zélio de Moraes não foi pronunciado em nenhum dos discursos apresentados pelos congressistas de 1941. Isso nos fez questionar quem eram os membros que organizaram o Primeiro Congresso e qual era o posicionamento dos mesmos.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar os debates dos Congressistas do Primeiro Congresso de Umbanda (1941) sobre a origem da religião Umbandista, especialmente em relação às motivações para a retirada dos elementos africanos da religião e a ausência de referências sobre o Zélio Fernandino de Moraes durante este Congresso.

² Termo utilizado na Umbanda para designar a incorporação de entidades espirituais em médiuns durante as reuniões da religião.

O problema foi abordado através do método qualitativo. Para explorar os detalhes da investigação, foi utilizada uma pesquisa exploratória baseada na bibliografia de livros (físicos e digitais), artigos, revistas digitais, blogs e sites que buscaram apresentar a trajetória dos movimentos umbandistas desde seu surgimento. Com a finalidade de contextualizar o surgimento da Umbanda, a transição e as transformações das religiões de matrizes africanas, baseamos nosso olhar aos conceitos de “branqueamento e empretecimento”, apontados pelo sociólogo Renato Ortiz (2005) em “A morte branca do feiticeiro negro”. Outros sociólogos que também contribuíram para a formulação do pensamento acerca do universo umbandista e afro-brasileiro foram: Roger Bastide (1960), Lísias Nogueira Negrão (1996) e Reginaldo Prandi (95/96-2000). As contribuições da área de antropologia, através dos autores Vagner Gonçalves da Silva (2005), Sérgio Ferretti (1998) e Emerson Giumbelli (2002-2010), bem como as contribuições dos historiadores Eric Hobsbawm (1984), José Henrique Motta de Oliveira (2009), Robert Daibert (2015), Leonardo Guedes Henn & Stéfani Martins (2018) e Diamantino Fernandes Trindade (2014), também foram utilizadas.

Para alcançarmos um entendimento sobre o universo religioso, a busca por origens das religiões, mitologia e o sagrado, buscamos auxílio com o cientista da religião, filósofo, mitólogo e romancista Romeno Mircea Eliade (1992). Para repensarmos a Umbanda como uma forma que abrange inúmeras manifestações espirituais, contamos com a compreensão do pensamento do umbandista e cientista da religião Alexandre Cumino (2015).

O atual trabalho divide-se em quatro capítulos. O primeiro consiste em contextualizar o processo de transformação da religiosidade afro-brasileira e a introdução do negro na sociedade urbano industrial, a metamorfose ocasionada pelo sincretismo no universo religioso africano. O objetivo dessa contextualização é apresentar ao leitor o caminho traçado por algumas das religiões de cunho africano e pelo negro na sociedade brasileira, no âmbito de uma urbanização em transformação.

O segundo capítulo é destinado à apresentação do marco inicial da Umbanda, através do mito fundador, provindo da manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas por intermédio do médium Zélio Frenandino de Moraes. No Terceiro capítulo são apresentadas as “Tendas Mestras” e a relação que Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas tiveram com a formação das mesmas. Tratamos do

surgimento da corrente de pensamento kardecista vinculada ao médium Benjamim Figueiredo e ao Caboco Mirim.

No quarto e último capítulo, adentramos às apresentações dos conceitos apresentados no Primeiro Congresso (1941), sobre a origem da Umbanda e a tentativa de desvincular a mesma de qualquer proximidade com rituais de matrizes africanas. Neste capítulo, trazemos a abordagem sobre o pensamento de Tata Tancredo da Silva Pinto, que considerava que a Umbanda possuía raízes africanas. Ainda neste capítulo, fazemos uma discussão sobre a relação que as federações tiveram com os adeptos umbandistas, bem como a tentativa de unificação da liturgia umbandista. Tratamos, por fim, sobre o Segundo Congresso de 1961, no Rio de Janeiro.

Por mais que haja uma certa discrepância do pensamento dos intelectuais umbandistas em relação ao que seria o modelo ideal de pensamento e ritual para a religião, e alguns tenham tentado se apropriar da etimologia da palavra Umbanda, não podemos deixar de registrar que a Umbanda é muito mais que isso. Umbanda é sentimento e um estado de espírito que não pode ser “aprisionado” em uma só palavra ou um só ritual.

2. O CONTEXTO URBANO BRASILEIRO NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O XX E O UNIVERSO SINCRÉTICO AFRO BRASILEIRO

2.1 A Transformação dos Símbolos Afros Na Sociedade Brasileira

O presente capítulo contextualiza a história do processo de construção da religiosidade afro-brasileira com o ingresso do negro na sociedade urbana, bem como com a metamorfose ocorrida pelo sincretismo no interior dos cultos africanos. O que promoveu mudanças significativas no universo religioso de matriz africana que conhecemos nos dias atuais.

Ao longo do século XIX, já havia um processo de mestiçagem muito forte na região sudeste do Brasil, onde existia o maior polo produtivo do país e estimulavam-se as grandes correntes migratórias vindas da Europa. Este processo começou a trazer um colapso profundo no sistema religioso africano, o qual modificou sua forma de cultuar o sagrado e seu modo de vida como um todo.

Ortiz (2005) explica que a superioridade numérica do branco em relação ao negro e ao mulato coloca em evidência a hegemonia do “mundo branco sobre as crenças afro-brasileiras”.

A desagregação do universo mítico afro-brasileiro não se reduz unicamente a uma relação quantitativa entre grupos de cores diferentes: é sobretudo a dominação simbólica do branco que acarretará o desaparecimento ou a metamorfose dos valores tradicionais negros; eles tornam-se caducos, inadequados a uma sociedade moderna. (ORTIZ, 2005, p. 27).

A luta pela desagregação dos valores afros pelo branco, na sociedade vigente do início do século XX, levou a inúmeras mudanças de comportamento no universo religioso afro-brasileiro. Esse fato foi adulterando, de forma gradual, a maneira de se apresentarem mediante a sociedade, tentando introduzir-se em uma moral com preceitos católicos.

Em meio a essa luta pela sobrevivência e por igualdade, o negro acaba mudando e, em muitos casos, assimilando conceitos, aderindo, em certos momentos, à ideologia de branqueamento. Isso ocorre na tentativa de fugir dos estigmas produzidos pela sociedade escravocrata que antecederam a sua “liberdade” com a assinatura da Lei Áurea em 13 de maio de 1888.

Com a abolição da escravidão e a formação da sociedade capitalista industrial, o negro se depara com dificuldades para se colocar na sociedade que está em plena transformação, pois sempre lhe foi desfavorável qualquer tipo de competição com o estrangeiro branco. Deste modo, os ex escravos que se tornaram cidadãos, sofreram com as dificuldades que lhes foram causadas por essa abrupta mudança. Muitos encontram no suicídio uma forma de se opor a estas mudanças.

[...] o negro na cidade via-se impelido à mendicância e à vagabundagem. Sua tendência ao suicídio não exprime porem nenhum caráter racial, pois vimos na África o pouco de importância que tem as mortes voluntárias. Ontem foi a resistência à escravidão, hoje, a crise devido à brusca libertação e à transplantação do negro para a cidade, onde ele encontrou condições para as quais não estava preparado. (ORTIZ apud BASTIDE, 2005, p. 28).

Inicialmente, lutaram por suas vidas e contra maus tratos nas senzalas e após lutaram por um lugar em meio ao centro urbano. Contudo, continuaram lutando por suas vidas e contra as novas formas de maus tratos impostos pela sociedade capitalista e branca.

O mulato se percebeu em meio a contradições, as quais consistiam entre manter vivos os valores de seus antepassados, cultuando os ritos advindos da terra natal de ancestrais, e a busca pela ascensão na hierarquia social. Esta mudança no seu estilo de vida fez com que o mulato incorporasse alterações profundas nos cultos “introduzindo suas próprias concepções estéticas” (ORTIZ, 2005, p. 24). Contudo, houve uma perda de sua herança cultural.

Entre 1890 e 1940, a população foi majoritariamente branca na cidade do Rio de Janeiro, contribuindo para a imposição de suas regras e forçando assimilações, das mais diversas, na cultura africana.

Rio de Janeiro

Cor	1890	1940
Branços	55,2%	71,1%
Negros	24,1%	11,3%
Mulatos	20,6%	17,3%

Fonte: adaptação feita com base no quadro populacional de Ortiz (2005).

No entanto, a desagregação do universo afro-brasileiro não se reduziu apenas a uma questão numérica de superioridade branca, mas corroborou para que houvesse uma dominação simbólica da cultura branca, principalmente sobre as

crenças afro-brasileiras, acarretando na transformação dos valores tradicionais do negro.

2.2 O Sincretismo dos Deuses Africanos e os Santos Católicos

O processo sincrético ao qual foram submetidas as religiões africanas, desempenhou um papel importante para que os africanos pudessem dar continuidade às suas práticas religiosas. Configurou, portanto, em seu interior, novas formas e características próprias, variando de acordo com sua região.

Conforme Silva (2005), antes do negro africano ser trazido para o Brasil como escravo, ocorria na África a associação de vários deuses em diferentes etnias. Essa associação favoreceu ao escravo africano realizar a associação de seus Orixás com os santos católicos. “Essas semelhanças entre deuses africanos e entre os santos católicos deu origem aos sincretismos que em cada região e época escolheram traços para aproximar as divindades” (SILVA, 2005, p. 70).

Algumas das representações sincréticas entre os Orixás e os santos católicos no Brasil, podem ser melhor compreendidas a partir dos exemplos citados abaixo com base em Silva (2005):

Exu, é o orixá mensageiro que faz a ligação entre os seres humanos e os deuses. É associado ao demônio católico por estar ligado ao poder de fertilização e das forças transformadoras. Carrega consigo um bastão em forma de falo adornado com búzios que representam o sêmen e os testículos.

Ogum, é o orixá do fogo e da guerra. É conhecido como ferreiro e o herói civilizador pelo conhecimento que tem de forjar instrumentos para a agricultura e para a guerra. É sincretizado com Santo Antônio, na Bahia e no Rio de Janeiro como São Jorge.

Oxóssi, o orixá da mata. Caçador que é responsável pelo sustento da tribo. Na Bahia ele foi sincretizado com São Jorge, no Rio de Janeiro é associado a São Sebastião e em Pernambuco a São Miguel arcanjo.

Obaluaiê, Omolu ou Xapanã, conhecido como o orixá das epidemias, varíola e todas as doenças contagiosas e principalmente de pele. O seu sincretismo deu-se a São Lázaro em quase todas as regiões, mas também foi sincretizado com São Roque, este santo dedicou-se a tratar dos doentes atingidos por pestes.

Xangô, é o orixá que é o senhor dos raios e do trovão, aquele que solta fogo pela boca. Também foi o rei de Oyó, cidade de língua Iorubá. Foi sincretizado com São Jerônimo, São Pedro, e São João Batista.

Oxum, é considerada a deusa da água doce, dos lagos, das cachoeiras e fontes. Está relacionada à fertilidade das mulheres e da terra. No Brasil é sincretizada com Nossa senhora da Conceição, podendo ser relacionada à Nossa Senhora Aparecida (padroeira do Brasil).

Iemanjá, é considerada a mãe de todos os orixás. No Brasil é cultuada no mar, sincretizada como Nossa Senhora dos Navegantes e por sua característica é considerada a Rainha do mar, podendo ser associada a outros “encantados” na cultura indígena recebendo os nomes de Janaína, Mãe d’água, Sereia, Iara e outros.

Iansã ou Oyá, orixá dos ventos, dos raios e das tempestades, dividindo seu domínio com seu marido Xangô. No sincretismo Ihe foi associada a Santa Bárbara.

Oxalá, é considerado o orixá da criação. “Foi ele quem modelou com barro o corpo dos homens sobre o qual Olodumarê (o ser supremo) soprou para dar vida” (SILVA, 2005, p. 80). E devido a suas características foi sincretizado com Jesus Cristo.

Acima, foi descrito apenas alguns dos orixás que são cultuados em solo brasileiro, porque o panteão de orixás africanos é bem maior e não é a intenção, no presente trabalho, citar e classificar todos. Apenas os que estão mais populares na Umbanda foram citados no momento, lembrando sempre que existem variações de terreiro para terreiro.

Como podemos observar, houve uma assimilação dos santos católicos para que o africano pudesse manter viva a sua religiosidade. Em algumas regiões, houve variações nas formas de sincretismo, “o sincretismo afro-brasileiro foi uma estratégia de sobrevivência e de adaptação, que os africanos trouxeram para o Novo Mundo” (FERRETTI, 1998, p. 188), uma maneira de manter viva suas raízes e uma ligação com sua ancestralidade. Estes cultos trazidos pelos africanos deram origem a “uma variedade de manifestações [...], através de uma multiplicidade sincrética resultante do contato das religiões dos negros com o catolicismo do branco” (PRANDI, 1995, 1996, p. 67).

Cada região, com suas particularidades e reunião dos mais diversos grupos étnicos africanos, acabaram, por vez e outra, modificando alguns respectivos nomes de santos católicos em relação à entidade africana, pois tentaram aproximar ao máximo as qualidades com seus orixás. De acordo com Silva (2005)

As religiões afro-brasileiras se desenvolveram praticamente em todos os estados onde houve a presença do negro e de seus descendentes. [...] a repressão ao culto, as condições urbanas e outros, fizeram com que os cultos apresentassem características regionais próprias, sendo alguns conhecidos em uma região e desconhecidos em outras. (SILVA, 2005, p. 83).

Uma das razões do vasto universo mítico afro-brasileiro é que cada região foi adquirindo características próprias, transmitidas pelos chefes dos terreiros, pai ou mãe de santo. Este introduzia em seu ambiente religioso e social os conhecimentos que lhe foram passados de geração em geração, pois não havia na religião um livro sagrado. Seus rituais, lendas e a tradição, eram passadas oralmente pelos mais velhos, detentores do conhecimento sobrenatural e da história de seu povo.

2.3 Novas Famílias, Novas Formas de Religiosidade

Ao chegar no Brasil, a grande maioria dos africanos escravos foram separados de suas famílias e vendidos para diversas localidades, estratégia para que não mantivessem um vínculo mais estreito com os demais membros de seu povo e sua família. Isso não era unânime, mas em grande parte era o que lhes estava fadado. O que fez com que houvesse um rompimento nos laços familiares, mas não fez com que o africano deixasse de “preservar suas crenças [...], muitas vezes reproduzindo simbolicamente a família e os laços familiares através da congregação religiosa, daí a origem dos terreiros e famílias-de-santo” (PRANDI, 1995,1996, p. 68).

Em cada região, onde houve o crescimento das crenças afros, foram recebendo denominações próprias na forma de suas representações religiosas. Silva (2005) cita que até o século XVIII o culto africano recebia o nome de calundu³, antecedendo às casas de candomblé que iniciaram no século XIX. Estas primeiras manifestações do culto eram organizadas, segundo Silva (2005), em torno de seus sacerdotes e englobavam uma grande variedade de cerimônias misturando os elementos africanos com os elementos católicos.

³ [...] os primeiros calundus estiveram confinados aos espaços das fazendas. Só podiam ser realizados na escuridão e solidão das matas e roças ou nos próprios espaços contíguos à senzala – o terreiro, permanentemente vigiado pelos capatazes para evitar a fuga dos escravos. (SILVA, 2005, p. 46).

Já havendo elementos sincréticos nas senzalas e composição de uma organização hierarquizada, reponsabilidade do sacerdote, os calundus se apresentaram como primeira forma de manifestação do culto aos antepassados em terras brasileiras. Dessa maneira, aos poucos a herança trazida da África começou a se transformar nos elementos culturais afro-brasileiros.

Com o crescimento das cidades urbanas e a identidade criada entre as nações, as expressões da religiosidade afro-brasileira começaram a ter uma variedade em sua designação nominal, conforme sua região e identificada por seus elementos próprios. Segundo Prandi (2000):

A religião negra, que na Bahia se chamou candomblé, em Pernambuco e Alagoas, xangô, no Maranhão, tambor-de-mina, e no Rio Grande do Sul, batuque, foi organizada em grupos de “nações”, ou “nações de candomblé” (LIMA, 1984), e em cada uma delas a nação africana que a identifica é responsável pela maioria dos seus elementos, embora haja grande troca de elementos entre elas, resultado dos contatos entre nações no Brasil e mesmo anteriormente na África. (PRANDI, 2000, p. 60).

No Brasil a “religião negra”, como Prandi (2000) menciona, tornou-se o seguimento de sua ancestralidade mesclada com elementos variados que foram aproximados pelo contato das várias nações trazidas para o Novo Mundo. Formaram-se, nesta perspectiva, algumas das formas religiosas de matrizes africanas que são conhecidas na atualidade.

2.4 Outras Formas de Sincretismo no Brasil

Com o passar dos tempos, a grande maioria dos ritos foram se transformando mesclando-se uns com outros, enquanto alguns foram esquecidos pelo caminho e desaparecendo por completo. As mudanças da forma de vida na sociedade foram significativas para as transformações das manifestações religiosas afro-brasileiras. Entrou nesta desagregação do universo de crenças afro-brasileiras, a aproximação com o Kardecismo (elemento novo com alto teor branco/europeu), introduzido no Brasil em 1853 (TRINDADE, 2014).

Este sincretismo negro-católico-espírita é ao mesmo tempo sinal e resposta à desagregação social. Enquanto sinal ele denota a posição marginal do negro no seio da sociedade brasileira; enquanto resposta, ele é o resultado de uma melhor integração cultural no conjunto da sociedade. (ORTIZ, 2005, p. 29).

O espiritismo em sua fase inicial “era praticado pelos intelectuais, médicos, engenheiros, funcionários públicos e universitários” (TRINDADE, 2014, p. 111). Estes adeptos do espiritismo ainda carregavam consigo os preconceitos da sociedade escravocrata, pois se houvesse em uma de suas sessões espíritas a manifestação de alguém que não tivesse sido renomado, este não tinha direito de ser ouvido.

A prática do Espiritismo pela sociedade aristocrática tornou-se rapidamente preconceituosa e pedante. Quem em vida não houvesse sido importante, não tinha direito de se manifestar nas chamadas sessões espíritas ou mesas brancas. Por isso, em uma mesa kardecista, um médium que incorporava um Espírito que, em vida havia sido um escravo era imediatamente convidado a se retirar, acusado de praticar baixo espiritismo. (TRINDADE, 2014, p. 111).

Além desta forte proximidade com o catolicismo e com o kardecismo, os cultos de matriz africana também possuíam um sincretismo e aproximações com religiões indígenas. A exemplo, o candomblé de caboclo, original da Bahia. Estas aproximações com as religiões indígenas originaram o catimbó⁴. Conforme Prandi (1995,1996) a proximidade com as formas de religiosidades indígenas é classificada como “tronco afro-ameríndio” possuindo diferentes denominações na variação de suas localidades, sendo chamados de *jurema*, *toré*, *pajelancia*, *babaçuê*, *encantaria* e *cura*.

Nesta linha, Trindade (2014) afirma que o domínio indígena e suas representações religiosas possuem uma maior intensidade na região norte do Brasil, especificamente nas regiões da Amazônia até as fronteiras de Pernambuco. O Catimbó Jurema, por sua vez, é “uma composição dos ritos Congo Angola, associados a pajelança e as práticas de bruxaria” que “sofreu influência do catolicismo e do kardecismo” (TRINDADE, 2014, p. 76).

Não somente as influências católicas e espíritas foram introduzidas nos cultos de matrizes africanas, houve também forte proximidade com o universo religioso indígena, principalmente por estarem dividindo o mesmo espaço nas zonas rurais do país. Ao chegar aos centros urbanos, carregaram consigo as feições do feiticeiro,

⁴ O Nordeste foi berço também de outras modalidades religiosas mais próximas das religiões indígenas, mas que cedo ou tarde acabaram por incorporar muito das religiões afro-brasileiras ou as influenciar. Trata-se do *catimbó*, religião de espíritos aos quais se dá o nome de mestres e caboclos, que se incorporam no transe para aconselhar, receitar e curar. (PRANDI, 1995, 1996, p. 66).

que praticava bruxaria e feitiços realizados com ervas, bebidas alcoólicas, despachos e envoltamento⁵.

2.5 A Cabula e as Macumbas Cariocas

A cabula⁶ é descrita por Trindade (2014) como sendo um exemplo de união dos elementos religiosos dos povos bantos⁷ e a filosofia Kardecista. Se tornou generalizada em todo o território brasileiro após a assinatura da Lei Áurea e teve grande influência do catolicismo. O culto à cabula é considerado por Trindade (2014), Ortiz (2005) e Bastide (1960) como sendo antecessor às primeiras macumbas. A cabula, por ter um forte vínculo com a natureza, não sobreviveu em meio à urbanização. Seus elementos introduziram-se nos primeiros terreiros de macumba, que se encontravam anexados às casas de seus praticantes.

Ortiz (2005), ressalta o relato produzido pelo bispo Dom João Correa Nery e após retomado por Nina Rodrigues em “os africanos no Brasil”, lançado no ano de 1935. Neste relato, o bispo descreve como é o culto à cabula, “as sessões de cabula chamavam-se mesa, eram secretas, e se praticavam no bosque, onde, sob uma árvore, improvisava-se um altar” (ORTIZ, 2005, p. 37). O dirigente dos trabalhos era um espírito que incorporava em um indivíduo e chamava-se Tata. O dirigente de cada “mesa chamava-se embanda e era secundado pelo cambone; a reunião dos adeptos formava a engira” (ORTIZ, 2005, p. 37).

⁵ Envoltamento “era a prática principal e perigosa da Magia Negra [...], é o uso incisivo de objetos, quer do uso das vítimas, ou, quando não, com bruxas de pano, alfinetes, dedais, agulhas e linhas coloridas. Utilizam-se ainda as chamadas orações fortes incorporadas da tradição europeia”. (TRINDADE, 2014, p. 81).

⁶ Cabula é um termo que representa uma religião afro-brasileira originada no final do século XIX, de caráter secreto, sincretizada com elementos dos negros mulçumanos malês, grupo étnico banto e a filosofia espírita. Desenvolveu-se principalmente nos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais e Rio de Janeiro.

⁷ Os povos bantos “são o conjunto de povos que habitavam a África central nas diferentes regiões que hoje compreendem Angola, Congo, Gabão e Cambinda. [...] estes povos compartilhavam do mesmo tronco linguístico” (DAIBERT, 2015, p. 10). Segundo a religiosidade dos povos bantos, existia um deus supremo que era o alicerce da vida e reinava em todo o universo. Cultuavam os espíritos da natureza, que eram intermediários entre os seres humanos e a divindade suprema, eram evocados em reuniões e lhes entregavam oferendas e sacrifícios de sangue (animal), onde também podiam confundir-se com seus próprios ancestrais. Estes rituais eram transmitidos de geração para geração através da oralidade preservando a sabedoria de seus ancestrais, ainda haviam as danças, palmas, tambores e cânticos que contribuíam para manter vivo seu universo mítico e religioso (DAIBERT, 2015).

A macumba⁸, por sua vez, surgiu nos centros urbanos, com fortes elementos construídos com a assimilação de diferentes manifestações religiosas, que foram sendo introduzidos em solo brasileiro desde a diáspora africana. Candomblés Gegênagô, cabula, catimbó jurema, tradições indígenas, catolicismo, espiritismo, bruxaria europeia, estes e outros elementos associados aos ritos, e mitologia banto, todos reconstruídos na cidade, nos quintais e salas urbanas de seus adeptos, constituíram a estrutura dos terreiros de macumba.

A macumba tornou-se uma expressão da desagregação das tradições africanas, refletindo os primeiros momentos da ação de urbanização, onde as nações não foram mais organizadas pelo elo familiar e, sim, em seitas, a exemplo da Cabula. “Esse desaparecimento de “nações” em seitas organizadas é o primeiro efeito desagregador da grande cidade. Os laços étnicos ou culturais se dissolvem no interior da plebe de cor” (BASTIDE, 1960, p. 407).

Bastide (1960), afirma que a macumba é:

(...) a expressão daquilo em que se torna as religiões africanas no período de perdas dos valores tradicionais; o espiritismo de Umbanda, ao contrário, reflete o momento de reorganização em novas bases, de acordo com os novos sentimentos dos negros proletarizados, daquilo que a macumba ainda deixou de subsistir da África. (BASTIDE, 1960, p. 407).

Foi justamente durante a desagregação e distanciamento dos elementos primordiais africanos, o desfalecimento da memória coletiva negra, a urbanização da cidade com caráter industrial e da formação de uma sociedade de classes, que surgiu a Umbanda no início do século XX. Através das transformações ideológicas do início do século XX e as assimilações do universo religioso africanista com as práticas mágicas populares e a filosofia espírita, ocorre uma reinterpretação dos valores tradicionais religiosos na sociedade.

No decorrer das primeiras décadas, os adeptos da Umbanda começam a construir um caráter sólido para a religião de Umbanda e, com isso, partem em busca da legitimação e de uma identidade própria para essa nova modalidade

⁸ A macumba é uma variação genérica atribuída aos cultos afro-brasileiros, sincretizados com influências da religião católica, do ocultismo, de cultos ameríndios e do espiritismo. A palavra Macumba originalmente descrevia um instrumento de percussão de origem africana, era semelhante ao instrumento conhecido como reco-reco. Disponível em: <significados.com.br>. Acesso em: 10 de julho de 2020.

religiosa. Um dos pontos fundamentais para solidificarem a religião é a consolidação de uma origem apropriada para a mesma.

3. MITO E EXPANSÃO DO UNIVERSO UMBANDISTA

3.1 Zélio de Moraes e o Mito Umbandista

No decorrer do final do século XIX e início do século XX, ocorreram fatos importantes, tais como a abolição da escravatura, a Proclamação da República, o início de uma formação de classes e um processo de integração dos negros na sociedade urbana. As transformações e a desagregação dos cultos afro-brasileiros que ocorreram, ocasionaram a “individualização da memória coletiva negra na pessoa do macumbeiro – a religião simplifica-se em magia” (ORTIZ, 2005, p. 29). No Rio de Janeiro, onde estava localizada a concentração dessa forma de manifestação religiosa, se originou um culto organizado chamado de macumba carioca.

Ortiz (2005), ressalta, ainda, que o culto à macumba sofreu com forças externas (o sincretismo com outras formas filosóficas e religiosas, assim como o kardecismo) o que ocasionou a desagregação da memória coletiva negra, fazendo com que tomassem novos rumos. Constituiu-se assim a formação da Umbanda como uma solução original para a continuidade das práticas religiosas afro-brasileiras.

A Umbanda aparece pois como uma solução original; ela vem tecer um liame de continuidade entre práticas mágicas populares à dominância negra e a ideologia espírita. Sua originalidade consiste em reinterpretar os valores tradicionais, segundo o novo código fornecido pela sociedade urbana e industrial. O que caracteriza a religião é o fato de ela ser o produto das transformações socioeconômicas que ocorrem em determinado momento da história brasileira; a ausência de um local específico de origem bem definido ilustra este aspecto do problema. No início, não há uma vontade deliberada e nítida de se formar uma nova religião. (ORTIZ, 2005, p. 48).

Ortiz (2005) considera que a Umbanda não teria tido um local específico para o seu surgimento, ou anunciação (como os adeptos da Umbanda chamam a origem da mesma), e que não havia um movimento específico no início do século XX com a intenção de formar uma nova religião. Ainda, essa forma de religiosidade teria aparecido em diversos pontos do país. E o processo de embranquecimento e de empretecimento⁹ foram resultados da transformação social, que ajudaram na

⁹ O termo empretecimento que é usado por Ortiz (2005, p. 33-34), está relacionado aos elementos africanos que entram no seio do espiritismo kardecista, tendo relação com as transformações na sociedade brasileira. Parafaseando o autor, o empretecimento não passa de um movimento de uma

formação da religião de Umbanda e na consolidação de uma sociedade urbano-industrial. Ortiz (2005), ainda discorre sobre o “nascimento” da umbanda:

O nascimento da religião umbandista deve ser apreendido neste movimento de transformação global na sociedade. A Umbanda não é uma religião do tipo messiânico, que tem uma origem bem determinada na pessoa do messias, pelo contrário, ela é fruto das mudanças sociais que se efetuam numa direção determinada. Ela exprime assim, através de seu universo religioso, esse movimento de consolidação de uma sociedade urbano-industrial. A análise de sua origem deve pois se referir dialeticamente ao processo de transformações sociais que se efetuam. (ORTIZ, 2005, p. 32).

Outros escritores, tais como Negrão (1996), Prandi (1995,1996) e Oliveira (2009) corroboram com a linha de pensamento de Ortiz (2005), em que a Umbanda surgiu, ou “nasceu” de uma construção de mudanças sociais, econômicas, da maneira de pensar do brasileiro. Sendo assim, ela é uma parte desse processo de construção da sociedade brasileira.

Rodhe (2009) corrobora com Ortiz (2005) quando usa o tremo “nasceu” para se direcionar ao surgimento da Umbanda. Rodhe (2009) diz que o emprego dessa palavra, “nascimento” contribui significativamente para abordar a origem da Umbanda. Como bem delimitada no tempo e no espaço, “físicos – tempo cronológico e espaço geográfico – e simbólicos – tempo mítico e espaço identitário” (RODHE, 2009, p. 79).

Trindade (2014) descreve o relato do Sr. Pedro Miranda¹⁰, escrito na Revista Espiritual de Umbanda, nº4. Nesse relato o Sr. Miranda faz afirmação sobre o advento do “Caboclo das Sete Encruzilhadas” como sendo, sem dúvida alguma, um marco histórico para a religião de Umbanda.

Podemos dizer que a partir de Zélio, surgiu uma doutrina para a Umbanda. Já existiam manifestações em vários pontos da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil, de médiuns que incorporavam Pretos Velhos e Caboclos, mas não dentro daquele princípio filosófico trazido pelo Caboclo das Setes Encruzilhadas. Esse é um marco doutrinário importantíssimo. Quando ele diz, de forma bem específica, que a “Umbanda é a manifestação do Espírito para a Caridade”, é um marco histórico, é a doutrina, mas já existiam as manifestações. (TRINDADE Apud MIRANDA, 2014, p. 162).

camada social branca em direção às crenças e tradições afro-brasileiras e uma certa aceitação do fator social em que o negro se encontra, não é uma valorização dos elementos da tradição negra.

¹⁰ Pedro Miranda, foi diretor de uma das sete Tendências primárias da Umbanda (Tenda Espírita São Jorge), que foram fundadas através das ordens do Caboclo das Sete Encruzilhadas. O Sr. Miranda também foi presidente da UEUB (União Espiritista de Umbanda do Brasil - Primeira Federação de Umbanda fundada por ordem do Caboclo das Sete Encruzilhadas. O Sr. Miranda, ou Pai Pedro Miranda, como é conhecido no meio umbandista, veio a falecer no dia 09 de fevereiro de 2018.

O Sr. Pedro Miranda não negou que já havia acontecido manifestações de entidades, pertencentes ao panteão umbandista, em outros lugares, mas afirma que foi através do Caboclo das Sete Encruzilhadas que houve uma organização no universo místico e que a partir desse ponto, teve início a liturgia¹¹ umbandista.

No Primeiro Congresso de Umbanda, realizado em 1941, uma das teses apresentadas, por Diamantino Coelho Fernandes¹², tentou explicar o surgimento da Umbanda como tendo sido a mais antiga modalidade religiosa implantada sob o Cruzeiro do Sul, depois do catolicismo e que a Umbanda teria sido trazida pelo negro escravo no recôndito de suas almas atribuladas pelo sistema escravocrata. Ainda, esse fenômeno religioso - a Umbanda -, estava presente nas nações africanas de onde os escravos estavam sendo capturados e que a Umbanda não tinha sido organizada na África, “mas ali existente a praticada sob um ritual que pode ser dito como a degradação de suas velhas formas iniciáticas”. (FERNANDES, 1941, p. 20).

A Umbanda, mediante a tese de Fernandes (1941), teria sido originada através do contato do africano com os povos hindus, que por séculos aprenderam e praticaram essa forma de religiosidade, perdeu-se com o passar dos séculos e embrutecimento¹³ da raça (negra-africana), gradativamente. Assim, segundo Fernandes (1941), a Umbanda veio surgindo nos conceitos religiosos, trazidos pelos escravos e chegou ao nível onde se tornou conhecida.

Já Claudio Zeus¹⁴ (2011), foi bem direto em dirigir-se ao que é a umbanda e de onde ela surgiu.

¹¹ Liturgia é o conjunto de elementos e práticas do culto religioso. No caso da Umbanda, ele se configura nos rituais que acontecem dentro do culto. Bem como as cerimônias, sacramentos, orações, defumações, objetos que compõe a cerimônia, entre outros.

¹² Diamantino Coelho Fernandes fez parte da comissão organizadora do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda, 1941. Apresentou, em nome da Tenda Espírita Mirim, a Tese “O Espiritismo de Umbanda na evolução dos povos. Fundamentos históricos e filosóficos”, na sessão inaugural de 19 de outubro de 1941. Também apresentou a Tese “o espiritismo de Umbanda, ciência e Filosofia”, na sessão realizada no dia 23 de outubro de 1941.

¹³ A tese de Fernandes baseia-se na ideia de que a Umbanda é uma forma de religiosidade que esteve nos primórdios da civilização africana, em uma época remota, onde grande parte do continente Índico era dominado pelos africanos. Essa dominação perdeu-se quando houve um cataclismo na região de Lemúria. A civilização africana empobreceu e perdeu seu prestígio. Diante disto, os fundamentos e preceitos religiosos perderam-se na antiguidade e absorveram uma forma mais rudimentar ao serem cultuados. Esse formato, mais rudimentar, foi encontrado junto aos escravos africanos que vieram para o Brasil e aos poucos retomaram sua essência até constituírem a Umbanda, que seria a forma mais pura das manifestações religiosas.

¹⁴ Escritor e médium umbandista.

Umbanda foi o nome dado ao culto criado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, cujo médium era o sr. Zélio de Moraes, em 16 de novembro de 1908, [...] antes desta data, não há registro algum da palavra Umbanda em qualquer seita afro [...].

Umbanda foi o nome com que o Caboclo das Sete Encruzilhadas batizou o movimento espiritual criado por ele com regras básicas de trabalho, cujo objetivo principal seria o da “manifestação de espíritos [...] para a caridade. (ZEUS, 2011, p. 8).

Para o autor, a Umbanda teve seu marco inicial a partir do Caboclo das Sete Encruzilhadas, através do Médium Zélio de Moraes. A finalidade da religião seria, essencialmente, a manifestação de espíritos de pretos velhos e caboclos para a prática da caridade.

3.1.1 O Mito Fundador

A umbanda, nos dias atuais, é conhecida por ter uma data específica que é o dia 15 de novembro, outorgada pela presidenta Dilma Rousseff¹⁵, em 2012. No ano de 1908, mais precisamente no dia 15 de novembro, o jovem de 17 anos, Zélio de Moraes, foi conduzido a um centro Espírita de Niterói e lá ocorreu a manifestação de uma entidade que se auto proclamou o Caboclo das Sete Encruzilhadas, estabelecendo os acontecimentos dessa data como marco inicial da religião de Umbanda. (TRINDADE, 2014).

Todo o mito, “conta uma história sagrada, quer dizer, um acontecimento primordial que teve lugar no começo do tempo” (ELIADE, 1992, p. 50) e que sempre é a narração de uma criação “conta-se como qualquer coisa foi efetuada, começou a ser” (ELIADE, 1992, p. 50). O mito também mostra como veio a existir uma realidade, sua sacralidade absoluta. Conforme Cumino (2015), o relato de vida e de experiência espiritual de Zélio de Moraes só veio a ser conhecido publicamente, abrangendo um espaço de quase totalidade no universo mítico umbandista e nacional, na década de 1970, através do sacerdote Ronaldo Linares¹⁶.

¹⁵ A presidenta Dilma Rousseff decretou e sancionou a lei nº 12.644, de 16 de maio de 2012. (BRASIL, 2012). No Art. 1º fica instituído o Dia Nacional da Umbanda, que será comemorado, anualmente, em 15 de novembro. A lei entrou em vigor no dia 16 de maio de 2012.

¹⁶ Ronaldo Linares é presidente da Federação Umbandista do Grande ABC, idealizador e criador do primeiro curso de Formação Sacerdotal de Umbanda do país, guardião do Santuário Nacional da Umbanda. Como pesquisador, publicou dezenas de artigos em jornais e revistas, concedeu inúmeras entrevistas para TVs e rádios sobre o tema Umbanda e Candomblé e publicou três livros: Jogo de Búzios, 2008; Memórias da Umbanda do Brasil, 2011 e Iniciação à Umbanda, 2017. Estes dois

Analisando dessa forma, nos parece que até então não se havia escutado o nome de Zélio. Entretanto, já haviam escritores que relatavam e apresentavam as doutrinas dirigidas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Assim como, por exemplo, as escritas de Leal de Souza¹⁷ (1933), em que ele relata sua proximidade e a maneira que o Caboclo das Sete Encruzilhadas, através de Zélio, tivera o anúncio de sua missão aqui nesse plano material¹⁸.

Estava esse espírito no espaço, no ponto de interseção de sete caminhos, chorando sem saber o rumo que tomasse, quando lhe apareceu, na sua inefável doçura, Jesus e, mostrando-lhe, numa região da Terra, as tragédias da dor e os dramas da paixão humana, indicou-lhe o caminho a seguir, como missionário do consolo e da redenção. E em lembrança desse incomparável minuto de sua eternidade e para se colocar ao nível dos trabalhadores mais humildes, o mensageiro de Cristo tirou o nome do número dos caminhos que os desorientavam, e ficou sendo o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

E há vinte e três anos, baixando a uma casa pobre de um bairro paupérrimo, iniciou a sua cruzada [...]. (SOUZA,1933, p. 66).

Segundo Souza (1933), o Caboclo das Sete Encruzilhadas recebeu a missão de vir à terra e trabalhar para amenizar as mazelas do povo. Percebemos que o autor relata que o Caboclo vinha baixando há cerca de vinte e três anos, e o livro em questão foi escrito no ano de 1933. Isso nos dá a percepção de que o Caboclo das Sete Encruzilhadas vinha transmitindo seus ensinamentos e apresentando um sistema litúrgico desde a década de 1910. No entanto, encontramos relatos de outros estudiosos, como Cumino (2015) e Trindade (2014) que nos afirmam, através de suas pesquisas, que a data é a de 15 de novembro de 1908, com o advento do Caboclo das Sete Encruzilhadas em meio a uma sessão Espírita Kardecista.

Cumino (2015), transcreve uma entrevista, na íntegra, que Zélio de Moraes deu à Revista Gira de Umbanda, para a jornalista Lília Ribeiro, editada por Átila

últimos em parcerias com outros escritores. Disponível em: <santuariodeumbanda.com.br>. Acesso em: 10 de julho de 2020.

¹⁷ Antônio Eliezer Leal de Souza foi um poeta parnasiano, escritor, jornalista e um dos mais antigos umbandistas do Brasil. Foi o primeiro escritor umbandista da história, que escreveu o livro basilar da doutrina do Caboclo das Sete Encruzilhadas em 1933, “o espiritismo, a magia e as sete linhas de umbanda”, considerada a obra prima do autor, foi escrita com tanta clareza, indo direto às questões essenciais da religião, que ainda nos dias de hoje é muito atual e de leitura fundamental a todos os umbandistas e/ou pesquisadores. (CUMINO, 2015).

¹⁸ O plano material é o termo utilizado por membros religiosos para diferenciar o plano (mundo) espiritual do plano físico/orgânico, em que vivemos.

Nunes Filho¹⁹, ano 1, 1972. A matéria se intitulava “A Umbanda existe há 64 anos!”. Essa revista teria caído nas mãos de Ronaldo Linares, quando ele buscava respostas para seus questionamentos. Aqui deixaremos alguns trechos da entrevista, em que Cumino (2015) nos apresenta como um dos únicos “documentos autobiográficos do percursor da Umbanda no Brasil”. (CUMINO, 2015, p.124)

Cabelos grisalhos, fisionomia serena e simples, Zélio de Moraes, através de seu guia espiritual, O Caboclo das Sete Encruzilhadas, só sabe praticar o amor e a humildade.

[...]

-- Eu estava paraltico, desenganado pelos médicos. Certo dia, para surpresa da minha família, sentei-me na cama e disse que no dia seguinte estaria curado. Isso foi a 14 de novembro de 1908. Eu tinha 18 anos. No dia 15, amanheci bom. Meus pais eram católicos, mas, diante dessa cura inexplicável, resolveram levar-me à Federação Espirita de Niterói, cujo o presidente era o sr. José de Souza. Foi ele mesmo que me chamou para que ocupasse um lugar à mesa de trabalhos, à sua direita. Senti-me deslocado, constrangido, no meio daqueles senhores. E causei logo um pequeno tumulto. Sem saber por quê em dado momento, disse: “Falta uma flor nesta mesa; vou buscaá-la”. E, apesar da advertência de que não me poderia afastar, levantei-me, fui ao jardim e voltei com uma flor que coloquei no centro da mesa. Serenado o ambiente e iniciados os trabalhos, verifiquei que os espíritos que se apresentavam aos videntes, como índios e pretos, eram convidados a se afastar. Foi então que, impelido por uma força estranha, levantei-me outra vez e perguntei por que não se podiam manifestar esses espíritos que, embora de aspecto humilde, eram trabalhadores. Estabeleceu-se um debate e um dos videntes, tomando a palavra, indagou:

- O irmão é um padre jesuíta. Por que fala dessa maneira e qual é seu nome?

Respondi sem querer:

- Amanhã estarei na casa desse aparelho, simbolizando a humildade e a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem um nome, que seja este: sou o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Minha família ficou apavorada. No dia seguinte, verdadeira romaria formou-se na Rua Floriano Peixoto, onde eu morava, no número 30. Parentes, desconhecidos, os tios, que eram sacerdotes católicos e quase todos os membros da Federação Espirita, naturalmente, em busca de uma comprovação. O caboclo das Sete Encruzilhadas manifestou-se, dando-nos a primeira sessão de Umbanda na forma em que, daí para frente, realizaria os seus trabalhos [...]. Estava criada a primeira Tenda de Umbanda, com o nome de Nossa Senhora da Piedade. (CUMINO, 2015, p.124-125).

A mesma entrevista é transcrita em trechos menores por Trindade (2014, p. 209-210). Além da transcrição, relata a história de Ronaldo Linares e seus dias ao lado de Zélio de Moraes.

¹⁹Átila Nunes Filho é um brasileiro filiado ao MDB. Também é conhecido por sua ligação com a Umbanda e a defesa dos direitos do consumidor. É filho de Átila Nunes Pereira, que foi um dos difusores da religião umbandista, falecido em 1968.

Conforme o autor, “após a leitura dessa matéria, Pai Ronaldo Linares, que se tornaria presidente da Federação Umbandista do Grande ABC e responsável pelo Santuário Nacional da Umbanda” (CUMINO, 2015, p.129). Vai em busca de quem seria realmente o “Pai de Umbanda” e encontra Zélio de Moraes. Embora não tenhamos dúvidas de que a religião de Umbanda é uma construção proveniente de mudanças sociais, econômicas e das transições dos pensamentos e símbolos religiosos, não podemos deixar de aceitar que em algum momento, em algum lugar houve alguém que pronunciou o nome Umbanda pela primeira vez.

O reconhecimento e a consideração a respeito de Zélio, só vieram à tona após sua morte²⁰. Pois somente na década de 1970 o nome de Zélio de Moraes tornou-se realmente reconhecido por todos os umbandistas e os não umbandistas. Isso devemos muito a Ronaldo Linares, que teve o ímpeto de buscar os caminhos que sua religião percorreu.

O mito de Zélio de Moraes e a anunciação da Umbanda corresponde ao que Eliade (1992) considera sobre o que é mito.

[...] cada mito mostra como uma realidade veio à existência, seja ela a realidade total, o Cosmos, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, uma instituição humana.

[...] narrando como vieram à existência as coisas, o homem explica-as e responde indiretamente a uma outra questão: Por que elas vieram a existir? O “por que” insere-se sempre no “como”. É isto pela simples razão de que, ao se contar como uma coisa nasceu, revela se a irrupção do sagrado no mundo, causa última de toda a existência real. (ELIADE, 1992, p. 51).

Zélio de Moraes, além de ser responsável por formar marcos incontestáveis dentro da Umbanda, nunca deixou de praticá-la com humildade e respeito aos conceitos e conselhos ditados pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Mesmo sendo considerado, posteriormente à sua morte, como o maior símbolo da religião umbandista, Zélio de Moraes não aparece nos registros do Primeiro Congresso de Umbanda de 1941. Este evento marcou novos caminhos para a Umbanda, seus idealizadores discursaram debruçados sobre o intuito de estudar, debater e codificar o espiritismo de Umbanda, afim de contrapor-se às práticas religiosas que possuísem elementos de magia negra e africanistas, considerados como “baixo espiritismo”.

²⁰ Zélio Fernandino de Morais (São Gonçalo, 10 de abril de 1891 — 3 de outubro de 1975).

Ortiz (2005), chega a mencionar o nome Zélio de Moraes, mas em nenhum momento ele apresenta Zélio como o precursor, anunciador ou fundador da Umbanda.

(...) a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, fundada em 1908 em São Gonçalo, Estado do Rio, e que também praticava o Kardecismo, em torno de 1930, voltasse para a Umbanda. Nesse decênio, o dirigente dessa Tenda, Zélio de Moraes, recebeu do Caboclo das Sete Encruzilhadas a incumbência de fundar sete centros, os quais foram instalados na cidade do Rio de Janeiro. Entre 1930 e 1937, com os nomes de Tendões Espíritas. (ORTIZ, 2005, p. 42).

Para Ortiz (2005), Zélio praticava uma forma de Kardecismo e somente na década de 1930 seus trabalhos passaram a ser designados como sendo de Umbanda. Mesmo não tendo registro em cartório, o centro de Zélio funcionava desde o início do século XX. O Caboclo das Sete Encruzilhadas se fazia presente desde essa época, ditando e orientando os adeptos de Umbanda, assim como dando a incumbência, aos seus membros, de formarem outros centros de Umbanda.

Para Giumbelli (2002) a busca pela história da Umbanda é um assunto muito delicado, pois envolve muito mais que apenas a procura de um marco inicial da religião e seu fundador, mas sim é também um processo de legitimação.

Brown (1974), que relata a história de Zélio de Moraes, reconhece que ela seria pouco disseminada, observando que as circunstâncias do surgimento da Umbanda permaneciam desconhecidas para a maioria dos umbandistas; mais do que isso, seriam tidas como irrelevantes, já que as origens de sua religião estariam para muitos situadas em épocas imemoriais. A versão que predominou no I Congresso localizava as referências originais da Umbanda nas tradições místicas orientais; já no II Congresso, a tese hegemônica deslocou o foco para a África; em ambos os casos, a tentativa de legitimar a Umbanda pela remissão a uma tradição que a tornasse equivalente a outras “grandes religiões” retirava o foco do Brasil. Resultado semelhante tende a ocorrer, como se dá frequentemente na literatura umbandista, quando a história dá lugar à etimologia nas discussões. E mesmo quando se considera o desenvolvimento da religião no Brasil, o mais comum é que as questões históricas sejam resolvidas de um modo que adequa ao rumo tomado por projetos federativos ou disputas faccionais. (GIUMBELLI Apud BROWN, 2002, p. 11).

O nome de Zélio de Moraes apareceu em poucos relatos, anteriores a década de 1970. Após essa época, houve grande destaque, por meio dos intelectuais da religião, na afigura de Zélio, com o intuito de consagrá-lo como fundador da Umbanda.

Outro registro é o texto de Alves de Oliveira, de 1977, preparado para atividades do Conselho Deliberativo Nacional e Umbanda – Condu (órgão confederativo criado na década de 1970) – [...]. À essa época, o Condu decide consagrar o dia 15 de novembro, data em que teria ocorrido a primeira manifestação do Caboclo das sete Encruzilhadas por meio de Zélio de Moraes, como “data nacional da Umbanda”. (GIUMBELLI, 2002, p. 12).

Além de Ronaldo Linares, que é diretor da Federação Umbandista do Grande ABC, outros umbandistas, por intermédio de órgãos federativos, dão maior ênfase na ideologia de proclamar a manifestação do Caboclo das sete Encruzilhadas e Zélio de Moraes como os precursores da religião de Umbanda. E, através deles, concretizar o marco inicial, não fazendo referência ao universo mítico que os congressistas do Primeiro Congresso defenderam como ponto de partida da religião. Por fim, cabe destacar que, considerando o percurso que Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas traçaram, desde sua primeira manifestação em 15 de novembro de 1908, nos parece ser esse o mais sólido e consistente argumento para justificar o surgimento da Umbanda e classificá-la como genuinamente brasileira.

A partir do dia 16 de novembro de 1908, deu-se início as reuniões dirigidas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas e o médium Zélio de Moraes, sendo então criada a primeira Tenda de Umbanda, chamada de Tenda Nossa Senhora da Piedade. Após dez anos o Caboclo delegou ao seu médium, Zélio de Moraes, que fundasse sete tendas para servirem como um núcleo central com intuito de propagar a Umbanda.

4. AS TENDAS MESTRAS, BENJAMIN FIGUEIREDO E A PRIMEIRA FEDERAÇÃO

4.1 As Tendas de Umbanda

Alexandre Cumino (2015) analisa os períodos e o desenvolvimento da Umbanda, dividindo o processo em quatro ondas²¹. “Representam os períodos de impulso e crescimento com o intervalo de refluxo, mostrando um retraimento ou esvaziamento pelo qual passou a umbanda [...]” (CUMINO, 2015, p. 136).

O início de expansão do universo religioso umbandista se deu com a abertura de novas Tendas de Umbanda. Tendas estas que tiveram a incumbência de dar um segmento aos trabalhos do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Estes segmentos estavam relacionados à primeira onda, que se equivale de 1908 a 1928. A concentração da Umbanda se deu fortemente no Rio de Janeiro nesse período. Esta primeira onda é relacionada ao nascimento da Umbanda e a formação de novas Tendas.

Trindade (2014) destaca que após dez anos da formação da primeira Tenda de Umbanda o caboclo das Sete Encruzilhadas “recebeu do Astral a incumbência de fundar sete tendas, que seriam uma espécie de núcleos centrais, de onde se propagaria a umbanda para todos os lados” (TRINDADE, 2014, p. 222).

4.2 As Primeiras Tendas de Umbanda

Conforme Ortiz (2005), Trindade (2014) e Cumino (2015), Zélio de Moraes fundou sete Tendas sob sua direção e orientação direta. A fundação das Tendas foi uma designação do Caboclo das Sete Encruzilhadas para que a Umbanda pudesse propagar-se por um espaço maior e alcançasse o território nacional. Para cada Tenda foi designado um dirigente responsável que deveria participar de reuniões mensais com Zélio, na Tenda Nossa senhora da Piedade. Esses dirigentes foram escolhidos pelo próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas.

²¹ Para Cumino (2015), o conceito de onda é como se estivesse falando de novos movimentos dentro de um mesmo segmento. Uma onda não anula outra e não termina onde a outra acaba. São fluxos e refluxos de novas tendências dentro da mesma Umbanda.

Os três autores supracitados concordam com os nomes das Tendias, mas o que parecem não estar de comum acordo são as datas. Cumino (2015), diz que a formação das novas Tendias de Umbanda ocorreu no processo enquadrado dentro da “primeira onda”, que vai de 1908 até 1928, mas não nega que essa primeira expansão se relaciona com a década de 1930, entrando assim, na “segunda onda” que conforme o autor seria o momento de legitimação da religião e iria até o ano de 1944.

Conforme constata-se “que estes centros foram instalados na cidade do Rio de Janeiro, entre 1930 e 1937” (ORTIZ, 2005, p. 42). Já Trindade (2014), traz pesquisas que mencionam a formação dessas Tendias a partir do ano de 1918 e vai até 1939. A formação e construções das Tendias transitam entre as décadas de 1910, 1920, e 1930.

O trabalho de pesquisas por fontes concretas a respeito da formação das sete Tendias, originadas por ordens do Caboclo das Sete Encruzilhadas, são de difícil acesso pelo fato de muitos registros não existirem ou simplesmente não serem encontrados. Trindade (2014) baseia-se nos relatos, pesquisas e anotações realizados pelo Coronel Carlos Soares Vieira²², para reforçar os elementos que consistem na formação das Sete Tendias Mestras²³.

Conforme Trindade (2014),

O Coronel relata algumas de suas visitas e dificuldades durante a pesquisa que, segundo ele, está em aberto e ainda tem algumas lacunas para serem preenchidas. Disse também que, em março de 2008, tentou contato com Marizeli, médium da Tenda São Jorge e responsável pelo site e com o seu Dirigente Espiritual Pedro Miranda, também presidente da UEUB, que pouco informaram, mesmo sendo o Órgão de Cúpula criado pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas, visto que a UEUB (União Espiritista de Umbanda do Brasil), não possuía os arquivos destas tendias. Em Cachoeiras de Macacu (RJ) recebeu da Sra. Laudelina informações sobre as entidades espirituais de algumas tendias e datas de fundação.

Na CEUB (Congregação Espírita Umbandista do Brasil), D. Fátima, sua presidente, mostrou-lhe os exemplares do *jornal de Umbanda* onde colheu informações, às vezes contraditórias, sobre as sete tendias. (TRINDADE, 2014, p. 224).

²² O coronel é médium atuante na Umbanda. Dedicou-se a pesquisas sobre a Umbanda em terreiros, federações e relatos de membros umbandistas. Um dos objetivos das pesquisas do coronel é a abordagem do processo histórico das “Sete Tendias Mestras”. O coronel possuía um livretinho que relatava algumas visitas e dificuldades que sofrera durante suas pesquisas. Conforme Trindade (2018), os relatos sobre as Tendias eram muito “pobres” e foram atualizados através dos conteúdos passados pelo coronel a sua pessoa e descritos no primeiro volume da obra História da Umbanda no Brasil.

²³ É assim que Trindade (2014) se refere às primeiras sete Tendias que foram construídas pela designação do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Mediante as conclusões originadas através das pesquisas realizadas pelo Coronel Carlos Soares Vieira, Trindade (2014), descreve os rituais, criação e os dirigentes materiais e espirituais de cada uma das sete Tendias Mestras. Ressaltando que a UEUB²⁴ (União Espiritualista de Umbanda no Brasil), criada a mando do Caboclo das Sete Encruzilhadas não possuía arquivos sobre as Tendias e a CEUB²⁵ (Congregação Espírita Umbandista do Brasil) ajudou com exemplares do Jornal de Umbanda.

A Tenda Espírita Nossa Senhora da Conceição foi a primeira a ser fundada, no dia 16 de janeiro de 1918. Esta Tenda foi fundada pela Sra. Gabriela Dionysio Soares e o Caboclo Sapoeba. Alguns anos depois foi passado o comando da Tenda para Antonio Eliezer Leal de Souza e o Caboclo Corta Vento.

A Tenda Espírita São Pedro foi fundada em 5 de março de 1925 por José Meirelles Alves Moreira. Na década de 1970, a Tenda Espírita de São Pedro extinguiu-se após sua fusão com a Fraternidade Espiritualista Pai João. Formou-se então, a Fraternidade Espiritualista Casa de São Pedro, tendo como presidenta a Dona Amélia e Guia Espiritual Pai João, praticando o ritual de Umbanda Branca²⁶.

Em 8 de setembro de 1927, foi fundada a Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia, pelo Dr. José Meirelles Alves Moreira. Após sua morte, assumiu o Sr. Durval Vaz de Souza e algum tempo depois teve como dirigente Dona Iva e o Caboclo Pena Branca de Yorubá. Nessa Tenda é praticado o ritual de Umbanda com preceitos e assentamentos²⁷ de Angola ou Omolokô.

²⁴ Considerada a mais antiga federação umbandista do Brasil. Foi construída em 1939, mediante pedido do Caboclo das Sete Encruzilhadas.

²⁵ Esta federação foi fundada em 20 de Janeiro de 1968, por Tancredo da Silva Pinto, o Tata de Inkice do Omolocô, após ter tido diversos atritos de ordem administrativa na Confederação Espírita Umbandista do Brasil, que tinha sido fundada por Tata Tancredo em 1950. O referido relato está no site da CEUB. Descrito no “Breve Histórico” sobre a construção da Federação, postado em 3 de novembro de 2010.

²⁶ A Umbanda Branca é o termo definido por Leal de Souza na década de 1930. A ideia dessa modalidade de Umbanda é seria uma “linha” do Espiritismo ou uma nova forma de praticar o Espiritismo. Ainda é utilizado esse termo para designar a Umbanda em que a Linha de Exu se encontra ausente em seus trabalhos.

²⁷ Assentamento é um local onde se instala um “portal tridimensional” que deve interagir permanentemente com três dimensões ou os três lados da vida, que são, o lado divino, o natural e o espiritual. Nos centros de religião umbandista o assentamento serve de auxílio para que essas três forças ou lados, possam interagir com a realização de ações corretas em benefício dos necessitados. Assentam-se as forças divinas, naturais e espirituais. (SIDNEY, 2015).

A Tenda Espírita Santa Bárbara foi fundada no dia 27 de junho de 1933, por João Aguiar Salgado, Pai Francisco e Caboclo Corta Vento. Provavelmente deve ter sido extinta entre as décadas de 1980 e 1990.

A Tenda Espírita São Jorge, fundada em 15 de fevereiro de 1935, por João Severino Ramos e o Caboclo Cobra Coral. Severino trabalhava na Tenda Nossa Senhora da Guia quando foi orientado espiritualmente para fundar a Tenda de São Jorge. Foi a primeira Tenda da linhagem de Zélio de Moraes a fazer o uso de atabaque e promover sessões de Exu. No ano 2014 a Tenda foi dirigida espiritualmente por Pedro Miranda.

A Tenda Espírita São Jerônimo foi fundada pelo Capitão José Alvares Pessoa, em 15 de maio de 1935. Por fim, a última das sete Tendias mestras a ser fundada foi a Tenda Espírita de Oxalá, no dia 11 de novembro de 1939, pelo médico Paulo Lavois, Pai Serafim e Caboclo Acahyba. Essa Tenda praticava os rituais de Umbanda com assentamentos de Angola, Traçada ou Omolokô²⁸.

Percebe-se que as Tendias provindas das ordens do Caboclo das Sete Encruzilhadas, levaram muito tempo para serem abertas e manter-se em atividade. Ainda podemos notar que mesmo sendo Tendias que deveriam proclamar a palavra do Caboclo das Sete Encruzilhadas, possuíam rituais que não se adequavam aos que eram proferidos na Tenda Nossa Senhora da Piedade. O exemplo claro de que isso ocorria, são as Tendias de Oxalá e a Tenda Espírita Nossa Senhora da Guia, que mantinham seus rituais e assentamentos baseados em Omolokô.

A Tenda de São Jorge ainda fazia uso de atabaques e mantinha sessões de Exu, algo que Zélio não via com bons olhos. Ele dizia que não gostava de trabalhar com Exu porque “qualquer pessoa, médium, mal médium se manifesta com exu [...] por isso não gosto. Na minha seara não trabalho com exu porque tenho medo”. Esse trecho foi extraído de uma entrevista feita com Zélio de Moraes, em 1961²⁹. O medo que Zélio tinha não é da entidade Exu e sim dos médiuns levianos que poderiam distorcer os ensinamentos de paz, amor e caridade.

Esses relatos de como funcionavam as Tendias mostram como eram diversificados os trabalhos, mesmo sendo elas, as Tendias, um segmento da liturgia

²⁸ Essas três vertentes da Umbanda têm um forte teor africano em seus rituais, onde implementam, em alguns casos, o ritual de sacrifício de animais e outros elementos como, por exemplo, o toque dos tambores, entre outros.

²⁹ A entrevista completa está disponível no site da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade. Foi gravado em 1961, em entrevista realizada por Lília Ribeiro.

umbandista do Caboclo das Sete encruzilhadas, pois foram dele as ordens para a construção das Tendas e por ele escolhidos os seus respectivos dirigentes. Ortiz (2005) comenta que, no período em que as Tendas designadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas foram sendo inauguradas, outros centros surgiram no Rio de Janeiro.

[...] como a Tenda Espírita N. Sra. do Rosário, Cabana Espírita Senhor do Bonfim, Tenda Espírita Fé e Humildade, cabana Pai Joaquim de Luanda, Tenda Espírita Humildade e Caridade, Cabana Pai Tomé do senhor do Bonfim, Centro Espírita Religioso São João Batista, Tenda Africana São Sebastião, e muitos outros, desde a Praça Onze e Rio Comprido até os subúrbios mais distantes, especialmente nos municípios limítrofes do Estado do Rio de Janeiro. (ORTIZ Apud CAVALCANTE, 2005, p. 42).

Não somente Ortiz (2005), ressalta o surgimento de novos centros e Tendas, Trindade (2014) também faz menção a eles. Os dois autores relatam que em 1926, Otacílio Charão, abriu no Rio Grande do Sul o Centro Espírita Reino de São Jorge, após voltar de uma estadia de dez anos na África. Em 1932, foi fundada a Congregação Franciscana da Umbanda, na cidade de Porto Alegre por Laudelino de Souza Gomes que era oficial da Marinha Mercante, este centro praticava o ritual umbandista a seu modo, declarando que seguia o ritual semiromba³⁰.

Outro marco importante na construção do caminho que a Umbanda trilhou no século XX, foi a fundação da Tenda Mirim pelo Caboclo Mirim através do médium Benjamim Figueiredo.

4.3 Benjamim Figueiredo e o Caboclo Mirim

Benjamin Figueiredo é um dos principais nomes citados na construção do pensamento e na doutrina litúrgica da Umbanda ao longo do século XX, sendo lembrado até os dias atuais. Foi por intermédio do médium Figueiredo que a Umbanda se organizou em prol de legitimação, unificação e do esforço de criar uma identidade própria.

A família de Figueiredo era kardecista, sendo sua avó uma das primeiras pessoas a trazer da França o Kardecismo para o Brasil. Em 1920, a família

³⁰ Na semiromba os adeptos têm como patrono São Francisco de Assis, usam vestes franciscanas, tocam maracás (é um idiofone de agitação, constituído por uma bola, que pode ser de cartão, plástico ou cabaça, contendo sementes secas, grãos, arroz ou areia grossa) como instrumentos para chamar as entidades e alguns ogans batendo com bastões no chão para marcar a cadência.

Figueiredo realizava sessões espíritas na cidade do Rio de Janeiro, até que no dia 12 de março de 1920, Benjamin Figueiredo incorporou o Caboclo Mirim pela primeira vez e anunciou “que aquela seria a última sessão de Kardec e as próximas sessões passariam a ser de Umbanda” (TRINDADE, 2014, p. 254). Por ordem³¹ do Caboclo Mirim, em 13 de outubro de 1924, foi considerada fundada a Tenda Mirim.

O ritual da Tenda Mirim é diferenciado no meio umbandista e trazia influências do Ocultismo e da Teosofia. O Caboclo Mirim aboliu algumas práticas que mantinham relação com as macumbas cariocas, o Catolicismo e à cultura africana. Na Tenda Mirim e suas filiais não haviam altares católicos, apenas a imagem de Jesus localizada acima da altura da cabeça dos médiuns, onde se podia ler a inscrição **O Médiun Supremo**. (TRINDADE, 2014, p. 255).

Teixeira (2008) cita que a Tenda Espírita Mirim tinha como principal destaque a introdução de influências de correntes filosóficas voltadas desde o ocultismo e teosofia até o espiritismo de Kardec.

Benjamin Figueiredo e o Caboclo Mirim nitidamente romperam com algumas práticas relacionadas à Umbanda em que Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete encruzilhadas pregavam, mostrando que no decorrer das primeiras décadas do século XX não existia uma uniformidade, assim como na atualidade, nos rituais dentro das Tendias de Umbanda. Fato esse que implica em divergências entre os umbandistas no passado e se arrastam aos dias atuais. Surge, desta forma, a questão: Qual então seria a maneira correta de praticar a Umbanda?

Segundo Henn e Fernandes (2018) a Umbanda ainda não possui uma homogeneidade em questão de liturgia, rituais e mesmo literatura, possuindo nos dias atuais uma vasta diversidade de conteúdos doutrinários e de fácil acesso, encontrados em formato digital. Dessa maneira, variam as influências que circundam os adeptos e ampliando debates no círculo umbandista e acadêmico.

As formas litúrgicas foram variando de terreiro para terreiro, conforme os preceitos e as afinidades com conceitos que seus diretores espirituais tiveram maior proximidade. Assim, se constitui uma vasta ramificação dos trabalhos e das definições de Umbanda nos atuais terreiros. Temos como exemplo citados por Cumino (2015), a Umbanda Branca (Linha Branca de Umbanda) definição usada por Leal de Souza (1933); Umbanda Pura, representada pelo grupo que propôs o

³¹ Através de uma manifestação mediúnica o Caboclo Mirim anuncia que, a partir daquele momento, deveriam deixar de praticar o Espiritismo Kardecista e deveriam realizar suas sessões como Umbanda.

Primeiro Congresso de Umbanda, em 1941; Umbanda Popular, o único conhecimento válido provém de seu ambiente ritualístico; Umbanda Tradicional, serve para identificar a Umbanda Branca, Umbanda Pura e Umbanda Popular; a Umbanda Esotérica ou Iniciática, na qual pratica-se a Umbanda estudando seus fundamentos ocultos; Umbanda Traçada, Mista ou Omolocô, praticada com influência dos cultos africanos; Umbanda Sagrada ou Umbanda Natural, segmento da Umbanda com a visão e conceitos psicografados por Rubens Saraceni; Umbanda Cristã, Umbanda fundada no dia 15 de novembro de 1908, por Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas; entre outras manifestações que se configuram nos conceitos que designam como os de Umbanda.

Benjamin Figueiredo destaca-se por ser um dos idealizadores do Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda. Realizado em 1941, foram apresentadas teses de como a umbanda surgiu, qual o significado do nome Umbanda, liberdade religiosa no Brasil, códigos penais, discursos voltados para uma liturgia homogênea e unificação de todos os segmentos umbandistas. Figueiredo também foi o fundador do Primado de Umbanda³² e a Primeira Escola Iniciática de Umbanda.

Se houve em 1908 um rompimento, através da manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, com as práticas tradicionais espíritas Kardecistas vigentes da época, com a chegada do Caboclo Mirim em 1920 aconteceu uma aproximação da Umbanda com as mesmas, bem como com a organização das federações espíritas Kardecistas. Não somente os conceitos, mas o nome espírita começa a ter significados mais amplos e concretos no universo umbandista. Tendo em vista que se serviam os centros de Umbanda do adjetivo espírita para mascararem-se em meio a uma sociedade racista, preconceituosa.

Trindade (2014) destaca a resposta de Benjamin Figueiredo ao ser questionado em entrevista por J. Alves de Oliveira³³, sobre a presença do nome espírita e a falta do termo Umbanda nas Tendas relacionados ao seu segmento.

³² O Primado de Umbanda, fundado em 5 de outubro de 1952, é uma organização federativa com o objetivo de estimular os estudos sobre Umbanda, difusão de seus ensinamentos, formação sacerdotal e iniciática para os dirigentes de terreiros filiados, usavam a terminologia da língua Nheêngatú (usada pelos índios Tupy) para identificar os respectivos graus de evolução espiritual.

³³ Jota Alves de Oliveira, escreveu o livro *Umbanda cristã e brasileira* que trata da umbanda sob luz do Evangelho, traz comentários do nascimento da Umbanda no Brasil, sobre o Caboclo das Sete Encruzilhadas, Caboclo Mirim, Chico Xavier, evangelho umbandista, reencarnação, e o evangelho espírita aplicado à Umbanda.

1º - Por que ninguém, até então, sabia do seu significado.

2º - A palavra espírita definia bem que ali havia manifestações de espíritos.

3º - Que era, também, por causa da polícia que perseguia tenazmente as tendas de Umbanda e de rituais africanos, também as chamadas macumbas, por isso com a palavra espírita na legenda e na fachada da Tenda, estavam mais acobertados das perseguições da época. (TRINDADE, 2014, p. 256).

Esse trecho da entrevista realizada com Benjamin Figueiredo ressalta a opressão que as Tendas de Umbanda e as práticas religiosas africanistas sofriam, estigmatizadas pela figura do feiticeiro. Encontraram no adjetivo espírita uma maneira de praticar sua religiosidade e não serem discriminados de maneira mais agressiva.

Por medo das represálias que sofriam e por acharem que seria uma maneira de manter uma organização da liturgia umbandista é que os umbandistas constituíram seus primeiros órgãos federativos. Sendo o primeiro uma designação do Caboclo das Sete Encruzilhadas para que as Tendas pudessem gozar de certa proteção jurídica e consolidar uma centralização da religião.

4.4 A Primeira Federação

Nas décadas de 1930 e 1940 a Umbanda começou sua jornada em busca de legitimação e de sua identidade. Essa época coincide com a criação do Estado Novo e a subida ao poder por Getúlio Vargas. Os umbandistas da época apoiavam o governo de Vargas, sendo que em algumas Tendas podia-se encontrar um quadro com a foto de Getúlio, demonstrando o apoio ao governo.

Mesmo com o apoio declarado ao governo, a Umbanda não ficou livre das perseguições da polícia, em 1934, o Espiritismo, os cultos africanistas e a Umbanda entre outros, foram enquadrados na seção especial de Costumes e Diversões do Departamento de Tóxicos e Mistificações³⁴ do Rio de Janeiro. Acabaram obtendo uma certa legalidade, mas ficaram mercê da extorsão policial.

³⁴ Em 1931, é criada a Inspetoria de Entorpecentes e Mistificações que se dedicou a repressão do uso de tóxicos e das práticas de magias e sortilégios. Proibindo em todo o Distrito Federal as práticas de macumbas, candomblés, feitiçarias, cartomancias, necromancia, quiromancia e congêneres, excetuando-se as experiências de telepatia, sugestão, ilusionismo e equivalentes realizados em espetáculos públicos fiscalizados pela polícia.

Negrão (1996) enfatiza que em 1936, ocorreu uma campanha contra os cultos negros, onde o jornal a Folha da Manhã publicava a matéria com o título “Campanha Policial contra o Baixo Espiritismo”.

Em 1936, o caráter de campanha tornou-se mais explícito. Com o título de “Campanha Policial contra o Baixo Espiritismo”, noticiava-se ordem da Delegacia de Costumes para que os diretores de centros espíritas, cujo o número, dizia o jornal, “se eleva a mais de duzentos”, regularizem seus alvarás. Procurava-se assim combater o “baixo espiritismo”, sem confundir-lo com o “alto”, o qual teria direito a alvarás de funcionamento. O Espiritismo Kardecista, branco, cristão e cultivado por pessoas de classe média e superiores já tinha suficiente reconhecimento oficial. (NEGRÃO, 1996, p. 73).

A repressão e a luta dos órgãos públicos e judiciários para suprimir e acabar com as manifestações religiosas de cultos de matrizes africanas nunca teve fim. Crescia conforme a sociedade tentava manter um padrão elitista e branco. O alto espiritismo, relacionado ao Kardecismo era visto com bons olhos pela grande maioria das pessoas.

Entretanto, tudo o que era relacionado à magia e aos cultos africanos estava enquadrado como baixo espiritismo e haviam esforços para acabar com essas manifestações. Esse foi um dos motivos que levou algumas Tendias de Umbanda a serem registradas como Espíritas e poderem desfrutar do caráter de legalidade. “Se os santos católicos constituíram em uma primeira ‘máscara branca’ atrás da qual se esconderam rostos negros, o Espiritismo veio a constituir-se na segunda”. (NEGRÃO, 1996, p. 74).

Em 1939, formou-se no Rio de Janeiro, a mando do Caboclo das Sete Encruzilhadas a Federação Espírita de Umbanda (FEU), como uma maneira de combater a repressão e dar auxílio aos terreiros de Umbanda.

Um fato importante surgiu dessa repressão. Ela concorreu para a união e organização dos adeptos de Umbanda, para sua própria proteção. O Caboclo das Sete Encruzilhadas iniciou uma nova tarefa, determinando que fundasse uma organização que abrigasse as tendas de Umbanda. As tendas fundadas pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas [...], se reuniram e, com liderança de Zélio de Moraes, fundaram a Federação Espírita de Umbanda (FEU) com o objetivo principal de oferecer proteção aos filiados contra a repressão policial. (TRINDADE, 2014, p. 290).

Trindade (2014) e Ortiz (2005) descrevem a primeira federação com o nome de Federação Espírita de Umbanda (FEU), Já Cumino (2015) menciona que esta se chamava Federação de Umbanda do Brasil (FEUB). Os três autores informam que o ano realmente foi o de 1939 e que após o Primeiro Congresso (1941) a federação teria mudado o nome para União Espírita de Umbanda do Brasil (UEUB). Nome este que Negrão (1996) usa para designar a primeira federação. A data 1939, e o fato de que o Primeiro Congresso de Umbanda foi realizado mediante à organização dessa federação, são confirmados pelos pesquisadores supracitados.

A Tenda Nossa Senhora da Piedade, de Zélio de Moraes e Caboclo das Sete Encruzilhadas, só foi registrada em cartório 32 anos após a primeira manifestação do Caboclo, em 1940. Ortiz (2005) nos lembra que a umbanda é uma religião nova que está surgindo no seio da sociedade brasileira e que por esta razão seria natural a religião se apropriar de certos valores dominantes da sociedade, assim como os elementos legitimadores no sentido de buscar por *status* e construção de um processo dentro de uma perspectiva histórica para contextualizar a religião e legitimá-la através de uma integração com a sociedade vigente.

Portanto, mesmo com os esforços apresentados por Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas em dar seguimento aos seus rituais, através da formação de Sete Tendias, entende-se que um outro grupo, dirigido por Benjamim Figueiredo e o Caboclo Mirim, tomou para si a responsabilidade de codificar e justificar a religião de Umbanda. Assim, desvinculando-se das ideias do Caboclo das Sete Encruzilhadas, bem como das raízes africanas da religião.

Fato esse que se comprova quando a mesma federação criada por Zélio de Moraes em 1939, que foi construída para representar e proteger os umbandistas das represálias sofridas pela polícia, organizou o Primeiro Congresso de 1941. Além disso, articulou conceitos distantes dos até então conhecidos nas manifestações mediúnicas espiritistas de Umbanda, dirigidos por Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

5. A LEGITIMAÇÃO DA UMBANDA E O PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA DE 1941

Os caminhos traçados pela Umbanda convergem para um sentimento de aceitação (pela sociedade da época), unificação de sua liturgia e da dominação e apropriação do nome Umbanda por um seletivo grupo. Este grupo de Umbandistas tomou para si o encargo de justificar o nome e os preceitos que originaram a religião de Umbanda.

Desvincularam, de seus artigos, a Umbanda de qualquer ritual africanista e de magia negra, classificados como “baixo espiritismo” e apresentaram a Umbanda como órgão moderador entre o bem e o mal. Apresentaram justificativas, durante o Primeiro Congresso de Umbanda de 1941, de que esta ultrapassava os limites territoriais e temporais da civilização brasileira do século XX, atribuindo certa antiguidade para a nova religião.

A depuração consistiu na tentativa de fugir aos aspectos tidos como primitivos ligados às práticas de Macumba e identificados com a feitiçaria ou magia negra, bem como de remeter a Umbanda a uma origem tida como mais antiga e nobre, ligada a tradições culturais reais (egípcia, hindu) ou fictícias (lemuriana). A revalorização consistiu na preservação do que era eliminável, moralizando e racionalizando mitos (o caso de Exu é exemplar) e ritos a partir de concepções cristãs e de um discurso pseudocientífico erudito. Neste processo as concepções espíritas-kardecistas foram fundamentais, pois forneceram, através da doutrina das reencarnações e da evolução kármica, os critérios para a ruptura com o passado e a síntese dos elementos remanescentes e emergentes. (NEGRÃO, 1996, p. 149).

Ortiz (2005) menciona que o tema sobre as origens da religião umbandista surgiu a partir dos primeiros escritos de 1941 e o debate sobre a antiguidade e origem da Umbanda se chocam entre duas correntes de pensamento. Uma baseia-se na ideia de que o surgimento provém na região das Índias e outra na África. Essa segunda corrente de pensamento, com forte teor africanista, é defendida por Tata Tancredo da Silva Pinto³⁵. O que categoricamente os congressistas tentaram estabelecer na esfera umbandista, foi uma forma de legitimar e codificar a religião através da invenção de uma tradição, que caracteriza o que Hobsbawm (1984)

³⁵ Tancredo da Silva Pinto, o Tata Tancredo, nasceu em 1905, em Cantagalo. Foi patriarca do Omoloko, idealizador da festa de Iemanjá no 31 de dezembro no Rio, realizador da histórica festa “você sabe o que é Umbanda?”, no estádio do Maracanã (apoiada pelo Lacerda) e criador da Confederação Espírita do Brasil, dentre várias outras iniciativas. Fonte: Jornal GGN (HORTENCIO, 2015).

entende como um conjunto de práticas normalmente regulamentadas por regras “tácitas” ou “abertamente aceitas”.

[...] tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que significa, automaticamente, uma continuidade e relação com o passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado. (HOBSBAWM, 1984, p. 9).

O discurso umbandista apresentado no Primeiro Congresso de 1941, foi uma maneira de formalizar as ideologias de seus articuladores e normatizar a religião em prol de um segmento único. Tentando, dessa maneira, quebrar os laços com os segmentos africanistas, incutindo aos cultos de matrizes africanas a visibilidade negativa que a Umbanda obteve desde seu surgimento.

O que se inicia com a sistematização de um modelo ideal para a Umbanda, apresentado no Primeiro Congresso de 1941, toma formas diferentes e representações distintas ao longo dos anos. Muitos adeptos da Umbanda não concordaram com as afirmações e justificativas apresentadas pelos congressistas de 1941 e resolveram desvincular-se do órgão federativo.

5.1 O Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda de 1941

O Congresso foi realizado no Rio de Janeiro, entre os dias 19 a 26 de outubro do ano de 1941. A comissão organizadora foi nomeada pela diretoria da Federação Espírita de Umbanda, presidida pelo Sr. Eurico Lagden Moerbeck. Foram realizadas cinco reuniões no intuito de organizar elementos para os estudos e encontrar a melhor maneira para coordenar os trabalhos, sempre com o aval dos guias espirituais³⁶.

O Congresso foi “[...] a primeira iniciativa coletiva da religião, no sentido de entender, estudar e estabelecer parâmetros ou normas que ajudem a definir o que é e o que não é Umbanda” (CUMINO, 2015, p. 199). O autor ainda enfatiza que as teorias divulgadas no Primeiro Congresso apresentaram ao meio umbandista formas variadas do entendimento a respeito do que é a Umbanda, dando aos adeptos a noção de variações na concepção do universo umbandista.

³⁶ Todas as reuniões foram presididas em terreiros de Umbanda de dirigentes que fizeram parte do I Congresso de Umbanda (1941) e estavam sempre sob a orientação dos guias espirituais, que auxiliaram e direcionaram os temas das teses apresentada no citado Congresso.

Chamamos a atenção para o fato de que três das cinco reuniões preparatórias foram realizadas em Tendas que foram fundadas conforme ordens do Caboclo das Sete Encruzilhadas. São elas as Tendas: São Jeronimo, São Jorge e Nossa Senhora da Conceição, sendo esta considerada a primeira das sete Tendas Mestras, fundada em 1918. Mediante os anais do Congresso não é mencionado o nome de Zélio de Moraes.

Zélio de Moraes, embora tenha sido o grande articulador da Federação e do Congresso, realizados por determinação do Caboclo das Sete Encruzilhadas, quase não aparece nos textos e discursos. É como se ele tivesse aberto mão de tomar a frente, o que visivelmente foi assumido pela comissão organizadora. (CUMINO, 2015, p. 202).

Somente por intermédio do presidente Dr. Antônio Barbosa, representante da Tenda Espírita de São Jorge, observou-se o nome do Caboclo das Sete Encruzilhadas, sendo citado brevemente em uma homenagem feita por Barbosa antes de iniciar a apresentação de seu artigo intitulado “a medicina em face do espiritismo”.

Antes de entrar no assunto propriamente dito, rendo uma homenagem ao Guia Espiritual, o “Caboclo das Sete Encruzilhadas”, o idealizador da Federação Espírita de Umbanda, ao chefe da Tenda de São Jorge, João Severino Ramos e ao querido professor Venerando da Graça, continuadores daquela ideia, sendo que o professor Venerando foi o primeiro Presidente da Federação. (BARBOSA, 1941, sem página).

Conforme Giumbelli (2010), a comissão organizadora e seus representantes tiveram por finalidade a codificação, pois necessitavam de uma homogeneidade compreendida em dimensões históricas, filosóficas, doutrinárias e ritualísticas. O Congresso foi assinalado por uma característica cientificista, de moralidade e ideologia branca, verbalizada por uma classe letrada da sociedade e profissionais liberais.

Através do conhecimento histórico e filosófico foram capazes de produzir um caminho mítico de uma ancestralidade reivindicada através da Lemúria e Atlântida. Época na qual, segundo Pimentel (2013), os povos africanos dominavam o além mar e as práticas espiritualistas hindus.

5.2 O Debate do Primeiro Congresso (1941) Sobre a Matriz Africana na Umbanda

Os membros atuantes do Primeiro Congresso relacionaram seus artigos e teses de forma que pudessem legitimar a Umbanda, pois a mesma estava sendo atacada e reprimida “pelos aparelhos judiciários e polícia do Estado”. (NEGRÃO, 1996, p.147). Contudo, a negação e a “necessidade de traição à sua herança negra era imperativa”. (NEGRÃO, 1996, p.147). “A saída encontrada pelos “intelectuais umbandistas da época” foi proclamar uma “Umbanda branca ou pura³⁷” negando suas influências de matriz negra” (NEGRÃO, 1996, p.147), mesmo que entrasse em contradição na prática diária dos terreiros ou Tendões Espíritas.

De acordo com Oliveira (2009), os intelectuais umbandistas concentrados em trilhar um caminho que pudesse ser aceito aos olhos da sociedade, buscaram conceitos de caráter “científico” da religião Kardecista”, distanciando-se das “práticas religiosas de matriz africana”. Pode-se, deste modo, compreender que “o esforço dos umbandistas em disseminar uma série de teorias que os afastassem das teias do candomblé e da macumba” (OLIVEIRA, 2009, p. 63).

Para contextualizar o surgimento da Umbanda, os umbandistas do Primeiro Congresso (1941) procuraram apresentar a origem da religião associada a tradições religiosas de povos milenares. Eliade (1989), lembra que toda a religião tem um “centro” ou melhor dizendo, uma concepção central que anima toda a coleção de mitos, rituais e crenças.

Foi através desse viés que algumas das teses apresentadas no Primeiro Congresso foram escritas. Na procura por uma origem milenar, não negaram, nesse momento, apenas sua raiz africana, mas também que a Umbanda havia tido sua primeira manifestação em 1908. A negação torna-se evidente no momento em que deixaram de mencionar qualquer ligação com o fato de Zélio de Moraes ter sido o precursor da religião de Umbanda.

Assim, temos a tese apresentada por Diamantino Coelho Fernandes, onde diz que a Umbanda chegou ao Brasil, com os escravos, na forma rudimentar. Segundo

³⁷ O termo Umbanda Branca é utilizado para designar uma modalidade de trabalho umbandista. Foi sugerida essa definição por Leal de Souza na década de 1930, onde a Umbanda possuía a ausência de uma linha de esquerda (linha de exu), considerada magia negra. E o termo “Umbanda Pura” foi apresentado no Primeiro Congresso em 1941, para designar uma Umbanda desafricanizada e orientalizada.

ele, os escravos cultuavam apenas princípios gerais de práticas ritualísticas, que outrora teriam sido ensinadas pelos povos da Lemúria e da Índia. Esses princípios trazidos pelos escravos africanos ao solo brasileiro foram “capazes de fazer a Umbanda retomar ao curso evolutivo em meio à “civilização” brasileira”. (OLIVEIRA, 2009, p. 73).

Trouxeram a Umbanda, no recôndito de suas almas atribuladas de escravos, vendidos como mercadoria de feira aos grão-senhores do Brasil, os primeiros sudaneses e bantus que aqui chagaram cerca do ano de 1530, procedentes de Angola, da Costa dos Escravos, do Congo, da Costa do Ouro, do Sudão e de Moçambique.

Daí o ritual semibárbaro sob o qual a Umbanda conhecida entre nós, e por muitos considerada magia negra ou candomblé. É preciso considerar, porem, o fenômeno meselógico³⁸ peculiar às nações africanas donde procederam os negros escravos, a ausência completa de qualquer forma rudimentar de cultura entre eles, para chegarmos a evidência de que a Umbanda não pode ter sido originada no Continente Negro, mas ali existente e praticada sob um ritual que pode ser tido como a degradação de suas velhas formas iniciáticas.

Sabendo-se que os antigos povos africanos tiveram sua época de dominação além mar, tendo ocupado durante séculos, uma grande parte do Oceano Índico, onde uma lenda nos diz que existiu o continente perdido de Lemúria, do qual a Austrália, a Australásia e as ilhas do Pacífico constituem as porções sobreviventes, -- fácil nos será concluir que a Umbanda foi por eles trazida do seu contato com os povos hindus, com os quais aprenderam e praticaram durante séculos. (FERNANDES, 1942, p. 20).

A respeito do nome Umbanda, Fernandes (1942) conceitua seu vocabulário como sendo “oriundo do sanscrito”, provido da etimologia AUM-BANDHÃ, remetendo a sua raiz mestra, sendo ela a língua mais “antiga e polida de todas as línguas da terra.” (FERNANDES, 1942, p 10). Neste sentido, Oliveira (2009), ressalta que conforme a apresentação de Fernandes (1942), o significado da palavra AUM-BANDHÃ seria “o Principio Divino” e que as “tradições da Umbanda viriam da Índia e seus princípios estavam escritos em Vedas”.³⁹ (OLIVEIRA, 2009, p. 72).

Conforme a congressista, delegada pela Cabana de Pai Joaquim de Loanda, “Umbanda, quer dizer: grandeza, força, poder, em suma, Deus”. Ainda “Um-banda” ou “um-bando” seriam corruptela da “verdadeira palavra”, e significaria a união de um “bando” de espíritos trabalhando para o bem em prol de uma finalidade de

³⁸ Aqui encontramos a palavra “meselógico” que acreditamos ter sido digitada com erro de ortografia, a palavra certa seria mesológico que conforme o Dicionário Online de Português significa o “que se relaciona a mesologia (condições do meio ambiente); ecologia.

³⁹ O veda é uma das escrituras religiosas mais antigas da humanidade. O conjunto destas escrituras é fonte da espiritualidade e do patrimônio cultural da Índia. Para os hindus, os vedas formam a origem dos seus valores filosóficos, culturais e sociais. Disponível em: <conceitos.com>. Acesso em: 13 de julho de 2020.

proclamar a sua doutrina, nessa perspectiva a palavra Umbanda significaria “Deus””. (JUSTINA, 1941, p. 39).

Marta Justina (1942), explica que a “Lei de Umbanda” foi trazida pelos escravos africanos onde era “professada com os ritos severos”, que ficariam evidente nos rituais de iniciação e de sacrifício. Isso veio para o Brasil e a Umbanda em meio ao seu “curso evolutivo” infiltrou-se nas cidades para receber “um banho de Luz da civilização”.

A Umbanda ainda trouxe consigo o intuito de combater a “magia negra” e os “ignorantes” impossibilitados de medirem suas responsabilidades por não serem evoluídos. Percebemos que a fala de Marta Justina teve enorme ligação com a tentativa de dissociar a Umbanda dos ritos e manifestações de matriz africana. Assim também, como os que ocorriam no seio da sociedade, a macumba e o candomblé, considerados por muitos como rituais de magia negra e enquadrados nas leis de repressão do Estado.

Conforme o relato de Zélio de Moraes feito em uma entrevista com Lília Ribeiro, realizada em 1961 e disponível no site da Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade, o nome Umbanda foi criado a partir do árabe Allah e seu significado seria “ao lado de Deus”. Demonstrando mais uma vez que os membros do Primeiro Congresso buscavam distanciar-se, não apenas dos conceitos africanistas, mas das formas que até então estavam sendo transmitidos os ensinamentos da nova religião.

Cumino (2015), ressalta a ideologia umbandista de Tancredo da Silva Pinto, quando o mesmo posiciona-se dizendo que esta é um gênero nascido de uma “unificação de cultos”. “Umbanda é uma seita, professada dentro dos cultos afro-brasileiros a seita é relacionada como sendo apenas uma, mas havendo dentro dela uma variação de nações, como por exemplo Omolocô, Keto, Nagô, Cambinda, Angola e outras”. (CUMINO, 2015, p. 53).

Cumino (2015), destaca que a Umbanda apresentada por Tata Tancredo possui uma forma “muito peculiar”. Parecendo, assim que “o conceito de Umbanda apresentado por Tata Tancredo “engloba tudo, de todas as culturas, absorvendo inclusive os outros cultos e religiões como nações desta” (CUMINO, 2015, p. 55).

Oliveira (1942), por sua vez, ao apresentar outra tese relacionada à origem da religião, não negou que a Umbanda tinha sido originada na África, “mas da África Ocidental, ou seja do Egito”. Conforme o autor, “as práticas africanas que chegaram

no Brasil resultaram do contato da alta ciência e da religião dos egípcios com as religiões incultas dos povos bárbaros do ocidente africano”. (OLIVEIRA, 2009, p. 73).

Umbanda veio da África, não há dúvidas, mas da África Oriental, ou seja, do Egito [...].

O barbarismo afro de que se mostram impregnados os ecos chegados até nós, dessa grande linha iniciática do passado, se deve a deturpações a que se acham naturalmente sujeitas as tradições verbais, melhormente quando, além da distância a vencer no tempo e no espaço, têm elas de atravessar meios e idades e absoluto inadaptados à grandeza e à luz refulgente dos seus ensinamentos.

Com a Umbanda foi isto o que se deu. (OLIVEIRA, 1942, p. 47).

A Umbanda foi vista pelos membros e adeptos, participantes do Primeiro Congresso, como a evolução das práticas mágicas e conceitos filosóficos que estiveram adormecidas no antigo continente africano. Conforme os caminhos evolutivos que foram trilhados pelos escravos e cidadãos afro-brasileiros, a Umbanda apresentou-se como a forma pura, próximos dos conceitos Kardecistas, em meio a civilização.

O menosprezo pela cultura africanista e o distanciamento da Umbanda com as raízes africanas, foi uma característica marcante que os congressistas deixaram em evidência, conforme suas teses foram apresentadas. Não negaram a importância de tal herança, mas tentaram demonstrar que esses elementos africanistas eram atrasados e selvagens, não se enquadrando nos moldes de uma sociedade urbana ainda em formação.

Os umbandistas não negavam a herança afro-indígena nas práticas rituais, mas justificavam-na numa perspectiva evolucionista, própria do discurso kardecista. Isto é, valorizavam o índio e o negro como importantes elementos formadores da nacionalidade, mas sob a ótica da evolução constante, capaz de “aprimorar” o que de “selvagem” e “bárbaro” prendia-os a um passado distante da civilização. (OLIVEIRA Apud ISAIA, 2009, p. 74).

Dessa maneira, o processo de legitimação apresentado pelos congressistas, não deixou de ser um processo de apropriação dos termos e da liturgia umbandista, negando quaisquer formas diferentes de manifestações espiritualistas que se designavam como sendo de Umbanda e que estavam interligadas com práticas relacionadas ao movimento negro de matriz africanista. Essa negação não deixava de ser uma maneira de proteger-se dos contra-ataques das autoridades que os

discriminavam e do preconceito que sofriam, e ainda sofrem, negros e elementos associados às culturas africanas.

Oliveira (2009), destaca que aqueles que se colocaram contrários ao “produto religioso oferecido pela cúpula umbandista, acabaram sendo “expurgados” de seu meio, foi o caso de Tancredo da Silva Pinto que era contrário à ideia proposta de uma “umbanda embranquecida””. (OLIVEIRA, 2009, p. 81).

5.2.1 Tata Tancredo da Silva Pinto e o Movimento Africanista

Tata Tancredo é considerado um dos maiores militantes do movimento africanista dentro da Umbanda. Ele nasceu em 10 de agosto de 1904, na cidade de Cantagalo, Rio de Janeiro. Conforme Filho (2013), Tancredo da Silva Pinto era escritor, compositor, sambista e umbandista. É considerado o organizador do “culto Omolocô⁴⁰ no Brasil” e “responsável direto pela reunião dos adeptos dos cultos afro-brasileiros em Federações Umbandistas” no intuito de obterem o “direito de ter e cultivar” a religião afro-brasileira e foi chamado de “Papa Negro de Umbanda”.

Segundo o documento “Tata de Inkice Tancredo da Silva Pinto”, encontrado no site da Congregação Espírita Umbandista do Brasil, extraído dos Estatutos da Sociedade Instituto Sanatório Espiritual do Brasil no ano de 1976:

Em 1950, devido a grandes perseguições aos umbandistas nos mais diversos Estados da União, assim como no antigo Distrito Federal, fundou então a Confederação Espírita Umbandista do Brasil, tendo viajado por quase todo o País, fundando Federações com o objetivo de organizar e dar personalidade ao Culto. Fundou as Federações dos seguintes Estado: Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Pernambuco e outros. Criou, para melhor mostrar seu Culto ao povo em geral, as seguintes Festas Religiosas: Festa de Yemanjá, no Rio de Janeiro; Yaloxá, na Pampulha – Belo Horizonte; Cruzambê, em Betim – BH, Minas Gerais; Festa de Preto Velho, em Inhoaíba – Rio de Janeiro; Festa de Xangô, em Pernambuco; “Você sabe o que é Umbanda” no Estádio do Maracanã, RJ, e finalmente a Festa da Fusão, realizada no centro da Ponte Rio-Niterói. (CONGREGAÇÃO UMBANDISTA DO BRASIL, 1976).

Ainda, conforme o citado documento, Tancredo compôs a música “General de Banda” que faz alusão ao Orixá Ogum. Foi um dos fundadores da 1ª Escola de

⁴⁰ Conforme Tata Tancredo da Silva Pinto, Omolocô (Omolocô) é uma palavra Yorubá que significa: Omo (filho) e Oko (fazenda). Por causa da grande repressão da época o culto era realizado. Trindade (2014) diz que estudos mais recentes encaminham a origem do termo Omolocô com ligação ao povo Lokô, em Serra Leoa e que seu início aqui no Brasil ocorreu a partir do conhecimento dos povos de etnia negra africana influenciado pelos cultos aos Orixás e Inkices.

Samba do bairro Estácio de Sá, RJ. Contava com o apoio e compreensão de autoridades civis, militares e eclesiásticas, recebeu o título de Cidadão Carioca e teve mais de 30 obras literárias, divulgando a Umbanda e o Omolocô. Também foi fundador e colaborador de jornais e revistas que tinham o intuito de esclarecer e orientar adeptos das religiões afro-brasileiras. Publicou durante 25 anos artigos no jornal “O Dia” do Rio de Janeiro. (CONGREGAÇÃO UMBANDISTA DO BRASIL, 1976).

Silva (2018), destaca que foi significativa a posição de Tancredo da Silva Pinto contra as propostas de desafricanização da Umbanda, (apresentadas no Primeiro Congresso de 1941).

Tancredo dizia que achava graça quando ouvia os “líderes da Umbanda Branca” dizendo que a religião sofre influência das tradições africanas. Para ele “a Umbanda é africana, é um patrimônio da raça negra”. Esse viés africanista da Umbanda pode ser visto em uma de suas afirmações: “Terreiro de Umbanda que não usar tambores e outros instrumentos rituais, que não cantar pontos de linguagem africana, que não oferecer sacrifício de preceito e nem preparar comida de santo, pode ser tudo menos Terreiro de Umbanda” (SILVA, 2018, p. 10).

Trindade (2014), ressalta que “Omolocô” é considerado por vários autores como um dos pilares da formação da Umbanda, juntamente com “Candomblé de Caboclo”, a “Cabula” e o “próprio Candomblé”.

Os líderes de diferentes correntes de pensamento umbandistas tentaram de diversas maneiras introduzir suas ideologias. Cada um apresentou através de discursos, livros e teses a sua visão como sendo a “verdadeira” e mais plausível. Na tentativa de unificação do conceito do termo Umbanda e da busca por uma identidade, esses primeiros idealizadores da religião encontraram, na formação de órgãos federativos, a maneira mais consistente para vigorar a ideologia do que realmente é considerado, por cada um desses segmentos, como sendo Umbanda.

5.3 As federações e o II Congresso

5.3.1 As federações

A primeira federação umbandista de que se tem registro foi a Federação Espírita de Umbanda (FEU), fundada a mando do Caboclo das Sete Encruzilhadas,

em 1939, como já foi mencionado em capítulo anterior. Trindade (2014), informa que no 1º artigo do Estatuto da Instituição, existia a ideia de unificação e coordenação das Tendões e cabanas filiadas, bem como a ideia de orientação dos rituais que seriam administrados nas mesmas. Aplicando assim, estudos sobre os fenômenos espirituais e a promessa de “proteger e amparar a doutrina de Umbanda, unificando-a em todos os seus aspectos essenciais”. (TRINDADE, 2014, p. 290).

O autor nos esclarece que no ano de 1947, a FEU mudou o nome para União Espiritista de Umbanda do Brasil, sendo essa, pioneira no que diz respeito ao reconhecimento e afirmação como uma instituição umbandista. Trindade (2014) menciona que em 1954, Zélio de Moraes atuou como inspetor, com a “função de supervisionar as entidades estaduais vinculadas com a instituição” (TRINDADE, 2014, p. 291). Posteriormente, o Primeiro Congresso sofreu com uma desarticulação, mas logo reestruturou-se como União Espiritualista Umbanda de Jesus (UEUJ).

As décadas de 1950 e 1960, enquadraram-se na terceira onda umbandista que Cumino (2015) designa como expansão vertiginosa. Ainda segundo o autor, essa expansão esteve enquadrada no período de 1945 a 1979, e foi marcada com o fim de 15 anos de ditadura Vargas, o término da Segunda Guerra Mundial e o retorno da política eleitoral e promulgação da Lei de Liberdade Religiosa, que foi uma conquista decisiva para as religiões afro-brasileiras em geral e a Umbanda em específico.

Em 1949, (...) UEUB (União Espírita de Umbanda do Brasil), cria o *Jornal de Umbanda*, uma publicação mensal destinada a divulgar a religião. Com liberdade e legitimidade, a Umbanda se estrutura em federações, que, empenhadas em defender seus direitos, vão se espalhar por todos os estados, tomando como exemplo a UEUB. O *jornal de Umbanda* divulgará essas federações e incentivará a criação de outras mais, dando cobertura aos eventos locais e nacionais de Umbanda, apresentando artigos e ideologias que reforcem a identidade umbandista e seguindo o modelo da *Umbanda Pura* proposta no Primeiro Congresso de Umbanda. (CUMINO, 2015, p. 158).

Cumino (2015) explica que na década de 1950 foram criadas seis novas federações no Rio e em Niterói. Três delas apresentaram os moldes propostos no Primeiro Congresso de 1941 e outras três trouxeram consigo essências da vertente africanista na Umbanda.

Nessa época, as Macumbas Cariocas estavam sofrendo bem mais que as Tendões de Umbanda e/ou do Espiritismo de Umbanda com relação às perseguições. Muitos terreiros de Macumbas Cariocas passaram a designar-se como Umbanda e através desse movimento surgiu novas formas de “Umbanda Africanista, como por exemplo: *Umbanda Mista, Umbanda Traçada e Umbanda Omolocô*”. (CUMINO, 2015, p. 160).

Em 1952, Benjamim Figueiredo, [...] cria uma das maiores organizações da religião, o Primado de Umbanda, atuando em âmbito nacional.

No mesmo ano, Tancredo da Silva Pinto, Tata Tancredo, o principal líder e representante da *Umbanda Africanista*, funda a Federação Espirita Umbandista (FEU). Tancredo se torna muito popular nas favelas do Rio, junto da classe baixa e em maior quantidade negra. Ele mantinha uma coluna semanal no jornal *O Dia*, detentor da maior circulação entre os jornais diários, no qual promovia sua federação, convocando filiados e anunciando a Umbanda de raiz africana.

Estava estabelecido no Rio duas formas oficiais (federativas) de se praticar a Umbanda: a espírita (Umbanda Pura, Umbanda Branca ou Umbanda Tradicional) e a africana (Umbanda Mista, Umbanda Traçada ou Omolocô). Além desses dois segmentos umbandistas legitimadores e orientados pelas respectivas federações, está a Umbanda Popular, como a Umbanda do Povo, não federativa, na qual se manifesta livremente, sem dogmas nem limites conhecidos. (CUMINO, 2015, p. 160).

A legitimidade buscada pelos organizadores do Congresso provia de ideologias vinculadas a um órgão federativo, onde reuniram-se vários elementos para justificar a veracidade religiosa da Umbanda. Ortiz (2005), avalia a situação de dominação aclamada pelas federações e ressalta que a hierarquia sacerdotal e interpessoal no candomblé é representada pelo mundo mítico, na Umbanda apresenta-se como “uma nova ordem: a da dominação racional”. Ordem essa que busca legitimar e sistematizar a sua liturgia.

Neste processo de sistematização do produto umbandista, uma centralização de poderes decisórios torna-se indispensável; é aqui que as federações vão manifestar com força total. A finalidade desses órgãos é centralizar e monopolizar o poder, transformando-se ao mesmo tempo nos únicos representantes legítimos. E até legais, da religião. (ORTIZ, 2005, p. 186).

Negrão (1996), enfatiza que não interessa qual seja a federação a filiação é vista como necessária, pois somente mediante às federações, os terreiros poderão obter registros em cartório “como entidade civil com finalidades religiosas; legalizadas [...]”. (NEGRÃO, 1996, p. 264).

Mesmo com a proteção das federações, alguns terreiros continuaram a ser discriminados. Aparentemente, muitos mudaram até mesmo seus rituais para escapar das represálias que sofriam internamente. Algumas federações estavam dispostas a combater o “primitivismo” e a “barbárie”, assumindo um molde de repressão em suas fiscalizações, tomando para si os papéis que outrora era da polícia. “Chegando a promover uma “moralização das práticas rituais”. Houve nesse contexto, o branqueamento da religião aos moldes das exigências burocráticas”. (NEGRÃO, 1996, p. 159).

As discussões ideológicas foram protagonizadas por dois dos segmentos umbandistas que tinham mais voz perante a sociedade. Um era os que possuíam uma ideologia voltada aos fundamentos e filosofia kardecista e o outro defendia a ideologia de que a Umbanda possuía raízes africanas. Por um longo período esses dois segmentos não comungaram entre si, mas aparentemente houve um consenso entre seus idealizadores que juntos formaram um órgão chamado Colegiado Espírita do Cruzeiro do Sul no intuito de trabalhar para a unidade da Umbanda e em 1961 organizou o Segundo Congresso Nacional de Umbanda.

5.3.2 O Segundo Congresso 1961

Como vimos, a Umbanda se separou em dois segmentos distintos, um africanista e um espírita com cunho Kardecista. Cada um tentando apresentar a forma ideal do que realmente era a Umbanda, no conceito e visão de cada um dos lados. Cada um trouxe para si a responsabilidade de justificar suas práticas para que elas pudessem ser consideradas como a original, tomando para a “verdadeira” Umbanda.

Em 1956, os líderes desses dois segmentos da Umbanda e suas respectivas federações, decidiram unir forças e formaram uma organização denominada Colegiado Espírita do Cruzeiro do Sul, abraçando cinco federações mais atuantes do Rio de Janeiro. Entre elas, estava incluída a federação liderada por Tata Tancredo. O jornal de Umbanda deu grande atenção para a intensificação de atividades políticas, listando candidatos que eram apenas especificados como espíritas. O Colegiado Espírita do Cruzeiro do Sul organizou o segundo congresso Nacional de Umbanda e um de seus objetivos era avaliar as mudanças ocorridas após o Primeiro Congresso, 1941. (TRINDADE, 2014, p. 392-393).

Conforme o jornal “A Noite” do dia 17/07/1961⁴¹, foi instalado no dia anterior, no estádio do Maracanãzinho, o II congresso Brasileiro de Umbanda, onde foi elaborado uma “Carta Sinótica”, isto é, um “Código Orientador” onde houve definições de deveres e responsabilidades organizados em um conjunto de leis e a codificação da doutrina.

Conforme a publicação do jornal, a comissão organizadora foi incumbida de elaborar um temário, distribuído da seguinte maneira:

Interpretação histórica e etmológica do vocabulário umbanda – Teogonia aborogene e teoginias africanas – Mitologia aborogene e mitologia africana – liturgia aborogene e liturgia africana – analogias teogônicas – similitudes afro-aborigenes – similitudes afro-indo-católico – sincretismo africano – Comidas e bebidas rito-litúrgicas – pontos cantados – Guias e amuletos – feitiço, sortilégios, encantamentos, cabala e magia e outros temas ligados ao credo. (JURUÁ, 2019, sem página).

Trindade (2014) destaca que entre as finalidades dessa reunião, conforme noticiou o Jornal “A Noite” na data de 15/04/1961, existia a de “congregar as Tendias e Terreiros, sem distinção de ritos e de liturgia” e através do “Conselho Supremo de Cultos Afro-Brasileiros” possa ser discutido matérias referentes aos “cultos praticados em nossa terra, de índios e negros”. (TRINDADE, 2014, p. 394).

Em primeira análise, no discurso dos representantes do Segundo Congresso, em 1961, nota-se uma certa aceitação das teorias e liturgias africanistas e uma tentativa de mudança. No entanto, os resultados não foram os desejados, “visto não se ter nada concluído quanto à estrutura doutrinária e orgânica”. (TRINDADE Apud DECELSO, 2014, p. 395).

Cumino (2015), esclarece que no Segundo Congresso ficou concluído que “a Umbanda é uma religião brasileira e a palavra umbanda vem da língua quimbundo, assim como as palavras zambi e cambone”. E que foi de fundamental importância a participação de Cavalcanti Bandeira, representante da União dos Umbandistas de Santa Tereza e Centro Espírita Tia Maria, que apresentou no Congresso duas teses, “Dogmatismo e hierarquia” e “Interpretação histórica e etimológica do vocábulo Umbanda”. (CUMINO, 2015, p. 214)

⁴¹ Disponibilizado na “Coletânea Umbanda: A manifestação do espírito para a caridade. Origens da Umbanda II”. Produzido por Padrinho Juruá, edição 2019. A obra traz consigo vários recortes de jornais que relatam os movimentos umbandistas ao longo do século XX.

A Umbanda é um novo culto brasileiro do século XX, resultante do sincretismo religioso de práticas e fundamentos católico-banto-sudaneses, apresentando algumas fusões ameríndia e oriental, com observância do evangelho segundo o espiritismo, constituídos de planos espirituais evolutivos pela reencarnação. Em síntese: A Umbanda é um culto espírita brasileiro, com ritual afro-ameríndio, enriquecido com alguma liturgia católica. (CUMINO, 2015, p. 113, Apud CAVALCANTE, 1961, P. 36).

Cumino (2015 *apud* CAVALCANTE, 1961), empregou bem os termos para descrever o que é Umbanda. Mesmo que não fosse de comum acordo a todos os umbandistas. Nesse momento, havia se dialogado com os movimentos africanistas e aberto portas para a variedade de práticas umbandistas.

A ideia de unificação para a Umbanda nunca foi abandonada por seus representantes, mas a cada Congresso realizado, novos tópicos foram apresentados, em grande maioria uns contrapondo outros. Deste modo, nunca se chegou a uma unificação da liturgia umbandista. Objetivo que conforme Cavalcante “deverá ser alcançado lentamente”. (CUMINO *Apud* CAVALCANTE, 2015, p. 215).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos apresentados, durante a trajetória do médium Zélio de Moraes e o Primeiro Congresso de Umbanda, as causas mais prováveis para o surgimento da Umbanda foram as transformações ocorridas entre o fim do século XIX e início do Século XX. E que em 1908, ouviu-se pela primeira vez a palavra Umbanda e caracterizou-se a mesma conforme os ensinamentos transmitidos pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Levando-se em conta o que foi abordado no decorrer desta pesquisa, houve uma tentativa de apropriação da liturgia e etimologia da religião umbandista por um seleto grupo, com forte teor kardecista. Neste, somente suas ideologias e práticas eram aceitas como verdadeiras, afastando-se de qualquer contato com o universo mágico religioso afro-brasileiro e descartando completamente a trajetória de Zélio de Moraes.

Fato esse comprovado mediante os argumentos apresentados no Primeiro Congresso de 1941, mas que perdeu espaço em 1961, dando uma visibilidade, mesmo que pequena, para vozes e tradições africanistas no Segundo Congresso. Na década de 1970, através de relatos de umbandistas, chegou-se ao encontro e valorização de Zélio e o Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Em virtude do que foi apresentado nas teses do Primeiro Congresso, verificamos a preocupação demasiada por parte dos congressistas em justificar a Umbanda como uma religião desprovida de elementos “primitivos” e “bárbaros” que eles relacionaram com as tradições de matriz africana. Mediante a isso, tentaram caracterizar a Umbanda desqualificando os seguimentos afro-brasileiros, o que ocasionou um rompimento com setores africanistas e intensificou a luta dos mesmos pelo direito de se auto proclamarem umbandista.

Na busca por uma identidade única para a Umbanda, as federações deram aberturas às interpretações diversas e às formas distintas de como praticá-la, enriquecendo ainda mais esse universo religioso. O adepto poderia então, escolher o local onde frequentar e desenvolver a sua mediunidade e espiritualidade conforme o local que lhe é mais favorável e onde sentir-se intimamente ligado, pois não estaria restrito a uma única ideologia, a um único ritual.

A Umbanda tomou formas diferentes em solo brasileiro, com variações conforme a região, que trouxeram ao seu interior elementos diferenciados, fazendo

com que a maneira que se pratica essa religião seja única em seu terreiro. Por mais que existam escolas apropriadas para formarem sacerdotes, cada um carrega em seu interior a certeza de que está trilhando o caminho certo, mesmo que este caminho seja diferente daquele dos que estão ao seu lado.

Não existe uma única forma de cultuar a Umbanda, existem diversas formas de cultuá-la, pois a Umbanda é sentimento, é vibração, é amor, é dedicação, é comungar com todos os elementos da terra, todos os dias e noites. Umbanda é o ar, é o fogo, é a mata, a cachoeira, as pedras, as folhas, o céu, o mar, a tempestade, o vento forte que bate em seu rosto, ela é a dor, a coragem, a força, a lágrima. Umbanda é vida e morte, é a transformação, ela não pode ser designada em uma só palavra então ela não pode ser qualificada como apenas uma.

Concordamos com Alexandre Cumino (2015), quando este descreve várias formas de se praticar a Umbanda e conceitua não como apenas uma manifestação, mas sim como várias, intitulada como “UMBANDAS”.

REFERÊNCIAS

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações**. 2º vol. Tradução: CAPELLATO, Maria Eloisa & KHAHENBUHL, Olívia. Ed. Universidade de São Paulo. SP. 1960. P. 393-471. Disponível em: <http://www.do.ufgd.edu.br/mariojunior/arquivos/roger_bastide_religioes_africanas_brasil.pdf>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2020.

BRASIL, Lei N° 12.644, de 16 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12644.htm>. Acesso em: 15 de abril de 2020.

CONGREGAÇÃO ESPÍRITA UMBANDISTA DO BRASIL. **Tata de Inkice Tancredo da Silva Pinto**: Estatutos da Sociedade Instituto Sanatório Espiritual do Brasil – Ano 1976. Disponível em: <<https://ceubrio.com.br/downloads/tata.de.inkice.tancredo.da.silva.pinto.pdf>>. Acesso em: 10 de abril de 2020.

_____. **Breve Histórico**. 2010. Disponível em: <<https://ceubrio.com.br/a-ceub/breve-hilNKIstorico>>. Acesso em: 01 de maio de 2020.

CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda**: uma religião brasileira. São Paulo: Madras, 2015.

DAIBERT, Robert. A religião dos bantos: novas leituras sobre o calundu no Brasil colônia. 2015. In: **Estudos Históricos**. RJ, 2015, vol. 28, nº55, janeiro-junho 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/eh/v28n55/0103-2186-eh-28-55-0007.pdf>>. Acesso em: 01 de abril de 2020.

Editorial Conceitos. Veda (escritura religiosa). São Paulo, Brasil. Publicado: 28/10/2016. Disponível em: <<https://conceitos.com/veda/>>. Acesso em: 10/02/ de fevereiro de 2020.

ELIADE, Mircea. **Origens**: História e sentido na religião. Editora: Edições70. 1989.

_____. **O sagrado e o profano**. Tradução Rogério Fernandes – São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERRETTI, Sérgio E. Sincretismo Afro-brasileiro e resistência cultural. In: **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 4, nº 8, p. 182-198, junho 1998. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v4n8/0104-7183-ha-4-8-0182.pdf>>. Acesso em: 20 de março de 2020.

FILHO, Mário. Tancredo da Silva Pinto – pequena biografia do incentivador da Umbanda Omoloko (Omolocô). In: **Comunidade de Estudos Filosóficos e Espirituais “Caminhos do Oriente”**. Publicado: 14/08/2013. Disponível em: <<https://cefeco.wordpress.com/2013/08/14/tancredo-da-silva-pinto/>>. Acesso em: 10 de abril de 2020.

GIUMBELLI, Emerson. Presença da recusa: África dos pioneiros umbandistas. In: **Revista Esboços**. Vol. 17, nº 23, pp. 107-117. UFSC. 2010.

GIUMBELLI, Emerson. **Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro**. In: SILVA, Vagner Gonçalves da (Org.). Caminhos da alma. São Paulo: Selo Negro, 2002.

HENN, Leonardo Guedes; FERNANDES, Stéfani Martins. **As voltas da religião: o desenvolvimento histórico da Umbanda**. In: *Religare*, ISSN: 19826605, v.15, n.2, dezembro de 2018, p.687-703.

HOBBSAWM, Eric. **Introdução: A Invenção das Tradições**. In. Eric Hobsbawm & Terence Ranger (orgs.). A invenção das tradições. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, p. 9-23, 1984.

HORTENCIO, Luciano. **Tata Tancredo, sambista, compositor e patriarca do Omoloko**. Jornal GGN. 2015. Disponível em: <<https://jornalggm.com.br/memoria/xaxa-tancredo-sambista-compositor-e-patriarca-do-omoloko/>>. Acesso em: 05 de dezembro de 2019.

JURUÁ, Padrinho. Coletânea Umbanda: **As Origens da Umbanda II**. Edição 2019. Disponível em: <<http://www.umbanda.com.br/phocadownload/livros/AS%20ORIGENS%20DA%20UMBANDA%20II.pdf>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2020.

MACUMBA. **Significados**. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/macumba/>>. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a Cruz e a Encruzilhada**: Formação do campo Umbandista em São Paulo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. Entre a Macumba e o Espiritismo: uma análise do discurso dos intelectuais de umbanda durante o Estado Novo. In.: **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. Nº 14. 2009. Págs. 60-85.

OLIVEIRA. Baptista De. Umbanda: Suas origens – sua natureza e sua forma. In: Primeiro Congresso Brasileiro do Espiritismo de Umbanda - Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 1942.

ORTIZ, Renato. **A morte Branca do feiticeiro negro**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

PRANDI, Reginaldo. De africano a afro-brasileiro: etnia, identidade, religião. 2000. In: **Revista USP**, SP. nº 46, p. 52-65, junho/agosto 2000. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32879/35450>>. Acesso em: 26 de março de 2020.

PRANDI, Reginaldo. As religiões negras do Brasil - Para uma sociologia dos cultos afro-brasileiros. 1995/96. In: **Revista USP**, SP. nº 28. p. 64-83, dezembro/fevereiro, 1995, 1996. Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/28365/30223>>. Acesso em: 26 de março de 2020.

PIMENTEL, Pedro Guimarães. **Emergência e Legitimação da Linha Branca de Umbanda e Demanda**: conflitos ideológicos na conformação teológica – 1890-1941. PUC-Rio, 2013.

PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DO ESPIRITISMO DE UMBANDA. Rio de Janeiro: Federação Espírita de Umbanda, 1942.

RIBEIRO, Lilia. Entrevista com Zelio de Moraes: Gravações Históricas. In: **Tenda Nossa Senhora da Piedade**. Disponível em: <<https://www.tensp.org/audio>>. Acesso em: 27 de abril de 2020.

SANTUÁRIO NACIONAL DA UMBANDA. **Babalaô Ronaldo Linares**. Disponível em: <<https://santuariodeumbanda.com.br/site/santuario-nacional-da-umbanda/federacao-umbandista-do-grande-abc-fugabc/babalao-ronaldo-linares/>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2020

SIDNEY, Rubens Saraceni. **Firmezas e assentamentos**. Disponível em: <<https://casadejurema.org.br/2015/07/23/firmezas-e-assentamentos-por-rubens-saraceni/>>. Acesso em: 10 de abril de 2020.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblés e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. 5 ed. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SILVA, Walerson Fernandes da. **O Culto Omolokô e sua relação com a Umbanda e o Candomblé**. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/bach/files/2016/10/WALERSON-FERNANDES-DA-SILVA.pdf>>. Acesso em: 10 de abril de 2020.

SOUZA, Leal de. **O Espiritismo, a magia e as sete linhas da Umbanda**. Disponível em: <http://mataverde.org/arquivos/livro_leal_souza.pdf>. Acesso em: 02 de março de 2020.

TEIXEIRA, Sergio Navarro. O Legado de Benjamin Figueiredo. in: **Federação Umbandista do Estado do Paraná**. Disponível em: <<https://fuep.org.br/historia-da-umbanda/o-legado-de-benjamin-figueiredo/>>. Acesso em: 28 de abril de 2019

TRINDADE, Diamantino Fernandes. **O coronel é uma lenda?** Disponível em: <<http://mandaladosorixas.blogspot.com/2018/07/o-coronel-e-uma-lenda.html>>. Acesso em: 22 de abril de 2020.

_____. **História da Umbanda no Brasil**. Limeira, SP: Editora do conhecimento, 2014.

ZEUS, Claudio. **Umbanda sem medo**. Vol. I. 2011. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/182944603/Umbanda-Sem-Medo-Vol-1-pdf>>. Acesso em: 25 de março 2020.